



## Fórum Social Mundial

**Sinais,  
desafios e  
contradições  
do *outro*  
mundo  
possível**

### Editorial

A presente edição de *IHU On-Line* foi inspirada pela realização do IV Fórum Social Mundial (FSM) em Mumbai, Índia, de 16 a 21 de janeiro. Às vésperas do início das férias de grande parte da comunidade universitária, estamos propondo uma nova reflexão sobre o significado desse grande movimento que se propõe a construir “um outro mundo”, como sugere o seu lema. Em uma iniciativa inédita na imprensa nacional, *IHU On-Line* entrevistou pensadores e militantes que se destacam internacionalmente pelas suas formulações, críticas e avaliações sobre o Fórum e as novas alternativas de mudança social ou de poder. Tentando identificar o legado do Fórum aos movimentos sociais, organizações e partidos políticos progressistas, propusemos as seguintes indagações: o FSM contribuiu para mudar as práticas da esquerda? Suas contribuições estão sendo úteis para a elaboração de um projeto político progressista e adequado às exigências contemporâneas? Partindo dessas questões básicas, o *IHU On-Line* questionou as várias consequências do FSM, buscou sinais da existência de “novos mundos”, tentou identificar seus construtores e mensurar a potência das suas propostas. A leitura deste boletim não dará respostas

únicas e homogêneas. Mas as contradições reveladas ajudam a compreender a convicção e a fé de tantos grupos e pessoas na construção de um mundo solidário e plural, que a todos abrigue. Michael Hardt, na esteira de Antonio Negri, valorizando a multidão como novo sujeito revolucionário do qual o FSM faz parte, John Holloway, que recentemente esteve no Brasil para apresentar seu livro *Mudar o mundo sem tomar o poder*, o ministro Miguel Rossetto, do Desenvolvimento e Reforma Agrária, que acompanhou as três primeiras edições do Fórum, e Miguel Vittone, dirigente do Movimento Piqueteiro da Argentina são alguns dos entrevistados desta edição. Em homenagem aos dez anos do levante de Chiapas, também entrevistamos Carlos Montemayor, um dos principais estudiosos do Exército Zapatista de Liberação Nacional (EZLN), movimento que apresenta características políticas inovadoras. O EZLN, pode-se dizer, despertou o mundo contra a globalização, sendo a primeira mobilização, antes de Seattle, de Washington, de Davos e de Porto Alegre, com caráter internacional. Gustave Massiah, vice-presidente da ATTAC (Ação pela Tributação das Transações Financeiras para Apoio ao Cidadão), oferece alguns elementos para compreendermos o FSM que inicia na próxima sexta-feira. Contardo Calligaris e César Benjamin refletem sobre o primeiro ano do governo Lula. Em atenção ao recente falecimento do filósofo e senador vitalício italiano Norberto Bobbio, **IHU On-Line** dedica-lhe uma homenagem na editoria Memória. Em seu vasto legado, destacamos o livro denominado ***Direita e Esquerda***, no qual ele atualizou os referidos conceitos, contribuindo significativamente para reorientar as lutas sociais, os movimentos de esquerda e, por extensão, as mobilizações antiglobalização, como o próprio FSM. Entre outros textos e informações, esta edição de **IHU On-Line** também disponibiliza informações básicas sobre as principais atividades do IHU ao longo de 2004, cujos dados completos podem ser acessados em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)  
Estaremos de volta no dia 1º de março. Boa leitura e bom descanso!

## Rumo ao IV Fórum Social Mundial

### Quem faz o FSM?

*Reproduzimos parcialmente o texto “Quem faz o FSM?”, redigido por Flávia Mattar e Jamile Chequer e originalmente publicado no sítio do Instituto Brasileiro de Análises Econômicas e Sociais – Ibase ([www.ibase.org.br](http://www.ibase.org.br)). Refere-se à pesquisa realizada pelo Instituto sobre o perfil dos participantes do Fórum Social Mundial na sua terceira edição, em 2003. A pesquisa integra o 5º volume da Coleção Fórum Social Mundial – Pesquisa sobre Perfil de Participantes, lançado no dia oito deste mês pelo Ibase, em nome da Secretaria Internacional do FSM. Entre outros aspectos, o levantamento revela a predominância do público jovem entre os militantes, demonstrando o interesse da juventude pelas causas sociais, diferentemente do que os meios de comunicação propagam. Além disso, fica evidente que a maioria dos participantes tinha um nível de escolaridade alto, sugerindo que é restrita a presença dos movimentos populares.*

### Características de participantes

A publicação, com 83 páginas, está dividida em três capítulos. No primeiro, é possível verificar que entre os(as) presentes ao FSM 2003, 27% foram credenciados(as) como acampados(as), 23% como delegados(as) e 50% como participantes. Na divisão por sexo, 51% eram mulheres e 49% homens, sendo que cerca de 88% se declararam heterossexuais, 6,1% homossexuais ou bissexuais e 6,1% recusaram-se a

responder. O evento contou com a participação de 85,9% de brasileiros(as) e 14,1% de estrangeiros(as), vindos(as) principalmente da Argentina (13,1%).

A presença do público jovem durante o evento foi expressiva: 37,7% de credenciados(as) tinham entre 14 e 24 anos, sendo 68,5% acampados(as). Apenas 13% de delegados(as) estavam nessa faixa etária. O grau de escolaridade é alto. Somando as pessoas com grau superior incompleto, completo e pós-graduação temos 73,4%. Segundo o assistente de pesquisa, Leonardo Mélló, é importante levar para os(as) jovens a idéia de discutir política e a sua realidade social. "Eles estão se juntando não só para manifestar a sua discordância com relação à globalização neoliberal, mas também para pensar uma saída para a situação".

"Temos aqui um perfil jovem, que atingiu pelo menos o nível superior. Essa constatação nos alerta para algo importante. O Fórum ainda não alcançou seu objetivo de atingir os excluídos, quem não tem acesso à educação", analisa Ângela Collet [assistente de pesquisa]. A pesquisa não traz o perfil racial de participantes. De acordo com Ângela, não foi possível incluir o item devido à diversidade do FSM. "Classificar a sua raça em determinada nação é diferente de fazer o mesmo em outra, o que dificulta a aferição".

### **Luta social e política**

No segundo capítulo, a publicação mostra que 64,9% – quase 90% dos delegados(as), 58% de participantes e 56% de acampados(as) – estão envolvidos(as) em movimento ou organização social, atuando principalmente por meio de movimentos sociais, sindicatos e ONGs (61,4%). A área de ação com maior destaque é a da Educação (47%) e o principal público-alvo são os próprios movimentos e organizações sociais (31,7%). O capítulo revela também que 66% das pessoas não participaram de atividades preparatórias para o Fórum, que 61,4% participam de movimento ou organização social em redes e que 62% não são filiados(as) a partido político, sendo que 84% se identificam com algum tipo de posicionamento à esquerda.

### **Agenda pública de debates**

Ao serem questionados(as) sobre a aceitação ou não da descriminalização e legalização do aborto – somadas as opções "A favor" à "Depende" – as mulheres (80%) mostraram-se mais propensas em concordar com a idéia do que os homens (71%). Delegados(as) estrangeiros(as) estão mais abertos à questão do que brasileiros(as): a concordância total chega a ser 6 vezes superior à negação. A religiosidade mostrou-se um fator de influência na hora do posicionamento com relação à questão. A amplitude da diferença de aceitar ou não o aborto, com ou sem objeções, é de 45 pontos percentuais para religiosos(as) e 76 para não-religiosos(as). A escolaridade também é um fator de influência. Há correlação entre maior escolaridade e maior tolerância com relação ao assunto.

Foi verificado também que 66% de participantes credenciados(as) mostraram-se favoráveis a políticas compensatórias para africanos(as) e afrodescendentes. "Mas não necessariamente, se perguntássemos a um brasileiro sobre as cotas, questionamento mais específico, o resultado seria o mesmo", lembra Ângela. Outra questão relevante diz respeito à participação da sociedade civil organizada em relação às políticas governamentais. 90% disseram concordar parcial ou totalmente com a participação na formulação de políticas públicas e 59% discordaram que as políticas governamentais são de total responsabilidade do governo. Para a maioria das pessoas credenciadas (94%), o caminho para a construção de outro mundo é o fortalecimento da mobilização da sociedade civil. Apenas 8% são favoráveis à ação direta com o uso da força.

Houve o levantamento também do grau de confiança das pessoas presentes ao III FSM em relação a instâncias ou instituições. Os movimentos sociais e ONGs são os que têm os maiores índices de confiança em relação aos demais (73% e 58% respectivamente). A terceira instância melhor classificada, o Executivo, tem 26%. "No período em que a pesquisa foi realizada, havia a euforia do começo do governo Lula, o que deu um salto no grau de confiança", diz Leonardo Mélló. Destacaram-se, na avaliação negativa, as organizações econômicas multilaterais (Fundo Monetário Internacional, com 4%; Banco Mundial, com 4% e

Organização Mundial do Comércio, com 5%), as grandes empresas internacionais (5%) e os bancos (8%), além da polícia (8%).

### **Rumo à Índia**

Durante a coletiva de imprensa, na ocasião do lançamento da publicação com o perfil dos participantes, 8 de janeiro, o diretor do Ibase, Cândido Grzybowski abordou alguns dos desafios e expectativas com relação ao FSM 2004. "Acho que vamos acabar descobrindo que os problemas não estão apenas na globalização neoliberal. Há questões encravadas no coração da sociedade civil, como o patriarcalismo, que acaba sendo útil ao sistema, assim como a divisão em castas na Índia. Como isso impacta o processo Fórum, ainda não sabemos ao certo", avalia o sociólogo.

A estimativa é de que a delegação brasileira que está indo para a Índia seja a maior da América Latina, em torno de 250 pessoas, com a proposição de 90 atividades. É esperada a participação de cerca de 90% de indianos(as). "Isso é natural, mas mostra que mesmo na Ásia vai ficar um déficit", complementa. Segundo Cândido, ao mesmo tempo, há a aposta de ganhos com relação ao déficit social, que tem sido constatado no processo Fórum. "A elite da sociedade civil tem sido a principal participante do Fórum. Talvez na Índia seja possível uma maior inclusão das camadas populares, que são mais organizadas. Há grandes movimentos populares na Índia, e essa presença vai dar um toque ao Fórum".

## **Confira as principais conferências e painéis do IV Fórum Social Mundial**

### **- Plenária de abertura**

Dia 16 de janeiro (à tarde): V.P.Singh (Índia), Lakshmi Sehgal (Índia), Mustafa Barghouti (Palestina), Chico Whitaker (Brasil), Shirin Ebadi (Irã), Ahmed Ben Bella and Jeremy Cobin (Reino Unido)

### **Plenária de encerramento**

Dia 21 de janeiro (à tarde): Asma Jehangir (chair, Paquistão), K.R.Narayanan, Mme. Nguyen Binh (Vietnã), Yossi Beilin (Israel), Rabbo (Palestina)

### **17 de janeiro**

9:30h - 12:30h: Terra, água e segurança alimentar

Devinder Sharma, Rafael Alegria, Medha Patkar, Brinda Karat, Roger Moody, Maude Barlow, Jose Bove, Neth Dano, Jean Dreze

18:30h – 20h: Militarismo, guerra e paz

Mmm. Nguyen Binh, Amir Rekaby, Dennis Brutus, Chandra Muzaffar, Geun Soo, Beverley Keene Hong

### **18 de janeiro**

9:30 h– 12:30h: Mídia, cultura e conhecimento

N. Ram, Nikhil Wagle, Jeremy Seabrook, Bernard Cassen, Trin Minh Ha, Lynne Muthoni, Roshan Dhunjibhai, Namvar Singh, Augusto Boal.

18:30h – 20h: Wars against Women, Women against Wars

Arundhati Roy, Nawal el Saddawi, Piedad Cordoba, Saher Saba

### **19 de janeiro**

9:30 h– 12:30h : Globalização e seguridade social e econômica

B.L.Mungekar, Prabhat Patnaik, Joseph Stiglitz, Samir Amin, Thandika Mkandawire, Cecilia Lopez, Laura Tavares, Trevor Ngwane.

18:30h – 20h: Exclusões, discriminação e opressão. Racismo e o sistema de castas  
Adv.Bhagwan Das, Blanca Chancoso (Equador), Durga Sope (Nepal), C.K.Janu, Martin Makwan, E.Pomar (Boíívia), Komino ( Japão), Viktor Dike (Nigéria).

### **20 de janeiro**

9:30 h– 12:30h: Trabalho e o mundo do trabalho  
Guy Ryder (General Secretary, ICFTU), Alexander Zharikov (General Secretary, WFTU), Ms Diallo (WCL), Juan Somavia (DG, ILO), Prabhat Patnaik

18:30h – 20h: Exclusão e opressão: religiosa, étnica e lingüística  
Prabhash Joshi, Teesta Setalvad, Pervez Hoodboy, Amarjeet Kaur, Ayese Arzan, Nira Yuval Davis, Tanika Sarkar, Baljibhai Patel.

## **PAINÉIS**

### **17 de janeiro**

9:30 h– 12:30h: Globalização, governança global e o Estado-Nação  
Aijaz Ahmed, Muchkund Dubey, Anand Kumar, Vivienne Taylor, Juan Somavia, Frederico Mayor, Mary Robinson, Radhika Coomaraswamy

OMC\* (painel à noite)  
V.P.Singh, Md. Idris (chair), S.P. Shukla, Vandana Shiva, Yash Tandon, Gustavo Codas, Anuradha Mittal

### **18 de janeiro**

9:30 h– 12:30h: Partidos políticos e movimentos sociais  
Evo Morales, Fausto Bertinotti, Luis Ayala, Luis Marinho, Prakash Karat, Aruna Roy, Alejandro Bendana, Grazia Francescato

### **19 de janeiro**

9:30 h– 12:30h: Globalização e suas alternativas  
Muto Ichio, Satu Hassi, D.Raja, César Benjamin, Atillio Boron, Walden Bello, Wolfgang Sachs, Michael Albert, George Monbit.

### **20 de janeiro**

9:30 h– 12:30h: A luta contra o neoliberalismo e a guerra e o significado do FSM  
(Convidados a confirmar)

## **Fórum Social Mundial: reforçar a palavra do Sul**

### **Entrevista com Gustave Massiah-**

*A entrevista a seguir, feita ao professor francês Gustave Massiah, vice-presidente da ATTAC (Ação pela Tributação das Transações Financeiras para Apoio ao Cidadão), foi publicada na revista **Alternatives Économiques**, de janeiro de 2004, e contribui no debate suscitado pela matéria de capa da presente edição.*

**Por que o Fórum Social Mundial se deslocou de Porto Alegre para Bombaim?**

**Gustave Massiah**- O Fórum se desenvolveu até aqui no eixo Europa-América Latina, com uma presença fraca dos representantes das sociedades civis da África e da Ásia. Era necessário que ele se deslocasse para melhor ter em conta a diversidade do mundo. Daí a decisão de agora em diante de o Fórum ser realizado alternativamente em Porto Alegre e numa outra região do mundo. A questão não é somente geográfica, mas cultural. O Fórum ficou marcado pela cultura latina e era necessário apelar para outros modos de pensar e de representar a mundialização.

#### **O que quer dizer isso?**

**Gustave Massiah** - Quando se pergunta: “Como lutar contra a mundialização?”, as respostas diferem segundo as culturas. Os latinos respondem que é necessário reforçar o Estado e a regulação pública. Os anglo-saxões dizem que é necessário fazer crescer o poder dos pobres, inclusive via mercado. É a mensagem de organizações como a Oxfam, entre outras. Na Índia, há uma forte cultura de Estado e uma maneira de ver que privilegia a auto-organização da sociedade civil. Esta será uma mistura interessante de ser estudada.

#### **Quais são os objetivos do Fórum 2004?**

**Gustave Massiah** – Há dois grandes objetivos. O primeiro é continuar a reflexão sobre como reforçar a proposição de alternativas ao liberalismo mundial. Isso ainda vai tomar mais tempo. O segundo é continuar a reflexão sobre o que se passou na reunião da Organização Mundial do Comércio em Cancún, apoiando a reemergência de uma palavra do Sul na cena política mundial. A Índia, a China, o Brasil, a África do Sul, etc. recusam um mundo hegemônico onde o Norte e as instituições internacionais impõem suas leis e reivindicam, não sem contradições, o seu lugar na economia mundial. Eles exigem a liberdade de comércio para os seus produtos, o que não é possível sem se referir ao neoliberalismo, mas eles recusam a hegemonia e a dominação do Norte.

#### **Como traduzir politicamente as aspirações altermundialistas?**

**Gustave Massiah** – É necessário inventar novas formas de fazer política. É necessário, primeiramente, encontrar meios de impedir que o liberalismo progrida na sua empreitada de destruição, por exemplo, dominando o Sul por meio da dívida, e, no Norte, pela destruição da proteção social. A seguir, é necessário que o movimento seja capaz de colocar, na agenda, novas propostas na luta contra os paraísos fiscais, a anulação da dívida do Sul, etc. É necessário que nós nos fixemos objetivos precisos que nos permitam organizar campanhas e provocar negociações com todos aqueles que querem, os sindicatos, os Estados. Se há partidos políticos que querem participar, tanto melhor, mas esta não é uma etapa obrigatória. O movimento de maio de 1968 acabou dando uma retumbante vitória eleitoral para a direita. Não será possível mudar o mundo sem reinventar novas formas de fazer política. O trabalho prévio para isso consiste na construção de um movimento social autônomo forte.

## **O FSM, a esquerda e os movimentos alternativos**

### **Uma inversão do fluxo ideológico**

**Entrevista com Michael Hardt**

*Tendo como tema o papel do Fórum Social Mundial para a construção de uma nova esquerda política, **IHU On-Line** entrevistou Michael Hardt, professor de Literatura e Filosofia da Universidade de Duke (EUA), autor do importante livro **Império**, ao lado de Antonio Negri. (Rio de Janeiro: Record, 2001). Este livro foi apresentado na primeira edição do evento **Abrindo o Livro**, em 16 de abril de 2003, pelo professor Dr.*

Inácio Neutzling, coordenador do IHU. Entre os livros de Michael Hardt publicados, citamos **The Coming Community**, com Giorgio Agamben. (Paperback, 1993); **Gilles Deleuze: An Apprenticeship in Philosophy** (Paperback, 1993); **The Jameson Reader** (Hardcover, 1999). De Hardt, **IHU On-Line** publicou um artigo na 48ª edição, de janeiro de 2003, em que ele fez uma análise do II FSM, e uma entrevista na 49ª edição, de 24 de fevereiro de 2003. Confira os principais trechos da entrevista concedida por telefone. Nela, Hardt assinala a “inversão do fluxo ideológico” propiciada por movimentos como o FSM, os piqueteiros e os zapatistas, estabelecendo um novo pólo de influência sobre a esquerda mundial. Ele considera que o Fórum enquadra-se dentro do conceito de “multidão”, presente no citado **Império**.

**IHU On-Line – Qual a contribuição do Fórum Social Mundial para a construção de uma nova esquerda?**

**Michael Hardt** – Para responder a essa pergunta, eu gostaria de partir de uma perspectiva norte-americana. O movimento mais forte e mais sólido que surgiu nos Estados Unidos tem sido predominantemente contra a guerra, contra a atitude bélica do governo norte-americano, mas envolve outros pontos. Esse movimento limita-se aos Estados Unidos e à Europa, mas os pontos que ele compreende são globais, como a guerra e o comércio. O Fórum contribui muito para esses movimentos de esquerda norte-americanos, por ser um veículo primário para uma difusão das idéias, permitindo que as ideologias e projetos desses movimentos façam um movimento norte-sul, ligando os hemisférios. Mas deve ser ressaltado que está havendo uma inversão do fluxo ideológico, das ideologias que inspiram os movimentos de esquerda contemporâneos. Esse fluxo que passou a ser do sul para o norte. Há três movimentos em especial que passaram a influenciar a esquerda: o Fórum Social Mundial, os piqueteiros argentinos e os zapatistas mexicanos.

**IHU On-Line – Frente ao poder dos estados capitalistas hegemônicos, a força dos movimentos citados não se apresenta muito difusa e vaga?**

**Michael Hardt** – De fato, esses três movimentos não têm muito poder frente aos estados capitalistas hegemônicos. E é verdade que eles também não oferecem alternativas para o cenário político planetário. Mas a questão principal não é o confronto direto e, além disso, todas as alternativas nascem dessa maneira. Temos um início em potencial. Quanto ao Fórum Social Mundial, não creio que ele deva apresentar-se como um contra-poder, ele não deve encarnar esse papel e achar que apresentará uma alternativa global. Penso que o Fórum deve ser destacado como um ponto de encontro de pessoas que anseiam mudar o mundo, mas não como um contra-poder, como algo que vá confrontar diretamente o poder hegemônico. Este não é o caminho.

**IHU On-Line – A contribuição do Fórum Social Mundial limita-se, portanto, apenas à difusão das questões políticas e sociais contemporâneas?**

**Michael Hardt** – Não acho que o Fórum deva pretender representar todos os movimentos, pois isso é impossível. Não é possível encontrar uma forma singular de representar a todos de maneira democrática e apresentar resoluções formais sobre o que foi debatido. O último Fórum preocupou-se muito em transformar as idéias e debates em resoluções formais. Deveria preocupar-se mais em consolidar-se como um lugar de debate, estimulando a criação de um movimento global.

**IHU On-Line – Tomando o Fórum, os piqueteiros e os zapatistas como um conjunto, é possível neles identificar algumas práticas diversas da esquerda tradicional?**

**Michael Hardt** – Os piqueteiros foram vitoriosos ao transformarem o modelo sindical tradicional e suas formas de atuação, criando outros tipos de mobilização. Criaram outra forma de organização, que obteve mais êxito. Quanto aos zapatistas, construíram um modelo de organização, no que concerne à sua distribuição e rede. Creio que isso possa ser muito útil para as análises sobre os movimentos globais, especialmente as produzidas na América do Norte. A forma adotada pelos zapatistas, que se distribuem

pelas suas comunidades, é interessante e oferece outras dimensões para pensarmos uma mobilização global.

**IHU On-Line – O senhor enquadra o Fórum Social Mundial dentro do conceito de “multidão”?**

**Michael Hardt** – A multidão não se caracteriza por uma organização hierárquica ou formal e não é centralizada. De certa forma, o Fórum Social Mundial torna concreta a idéia de multidão, o conceito de multidão.

**IHU On-Line – O que é mesmo “multidão”? Quais as suas diferenças dos conceitos de “povo” e de “classe social”?**

**Michael Hardt** – Esta é uma questão um pouco técnica e um pouco filosófica. O conceito de povo sempre representou uma idéia de unidade, excluindo a idéia de diferença. A referência ao povo brasileiro, por exemplo, exclui a idéia de diferença. Do meu ponto de vista, o conceito de multidão é, por isso, diferente do conceito de povo. Quanto às classes sociais, tradicionalmente as noções, as idéias que as definem, que definem as classes de trabalhadores, são noções ou idéias excludentes. O conceito de multidão trabalha com a idéia de inclusão de todas as classes, abrangendo as menos favorecidas. Esse conceito quer abrigar as classes que não são consideradas pelos conceitos tradicionais de povo e de classe. Particularmente, refere-se ao conceito da classe trabalhadora na área industrial.

**IHU On-Line – O senhor considera que os *piqueteiros* argentinos correspondem à idéia de “multidão”?**

**Michael Hardt** – Os *piqueteiros* representam o conceito de multidão em dois sentidos. Em primeiro lugar, adotaram uma organização interna democrática, diferentemente das estruturas sindicais tradicionais. Em segundo lugar, os *piqueteiros* movem-se para incluir as pessoas, enquanto as organizações tradicionais dos trabalhadores terminam por desvalorizar e excluir ainda mais as pessoas que não estão formalmente empregadas. Os *piqueteiros* querem abranger todos.

**IHU On-Line – Quando será publicado o segundo volume de *Império* e qual será a principal diferença em relação ao primeiro volume?**

**Michael Hardt** – O segundo volume será publicado em agosto de 2004. Ele terá duas diferenças em relação ao primeiro volume. Nós tentamos escrevê-lo em uma linguagem mais acessível, com o propósito de atingir um público maior. Além disso, enquanto o primeiro volume analisa as novas questões ligadas ao poder, à estrutura do poder, o segundo oferecerá uma possível alternativa à questão do poder.

**IHU On-Line – Qual é essa alternativa, em síntese?**

**Michael Hardt** – No novo livro, nós aperfeiçoamos o conceito de “multidão”, que será oferecido como uma alternativa às abordagens tradicionais sobre o poder. Seu título, aliás, deverá ser ***Multidão***.

**IHU On-Line – O senhor participará dos Fóruns Sociais em Bombaim, neste mês, e em Porto Alegre, em 2005?**

**Michael Hardt** – Infelizmente não poderei participar de nenhum deles.

**IHU On-Line – O senhor acredita que, nas próximas edições do Fórum Social Mundial, ficará mais claro o conflito entre as idéias que defendem o fortalecimento dos estados nacionais e as que defendem a globalização solidária?**

**Michael Hardt** – Acredito que esse conflito continuará, mas se trata de um conflito entre companheiros, conduzindo a entendimentos e acordos.

**IHU On-Line – Haverá uma conciliação entre essas duas visões?**

**Michael Hardt** – Penso que determinados desacordos podem continuar existindo, mas isso não deverá impedir que as idéias comuns continuem sendo trabalhadas em conjunto. O diálogo deverá prevalecer.

**IHU On-Line** – O senhor identifica algum governo que esteja próximo das alternativas políticas sugeridas em o *Império*?

**Michael Hardt** – Acho que o governo Lula é o que está mais próximo das idéias que defendemos no livro. Não distingo outros governos que eu possa considerar como próximos àquilo que estamos propondo. Lula está bem próximo.

## **“Para mudar o mundo, devemos começar pelas fissuras que existem na organização capitalista”**

**Entrevista com John Holloway**

*A partir da temática desenvolvida na matéria de capa desta edição especial, IHU On-Line entrevistou o sociólogo John Holloway, autor do livro **Mudar o mundo sem tomar o poder** (São Paulo: Editora Viramundo, 2003), que resenhamos logo abaixo. Nascido em Dublin, na Irlanda, John Holloway doutorou-se em Ciências Políticas pela Universidade de Edimburgo, Escócia, onde lecionou de 1972 a 1998, tendo-se diplomado ainda em Altos Estudos pelo Collège d'Europe. Sua preocupação sempre esteve centrada no estabelecimento dos vínculos existentes entre o Estado e a opressão do capital, culminando na percepção de que todo Estado constitui uma forma de poder que não pode negar a si mesmo, incluindo-se, nessa categoria, os Estados Revolucionários. Transferido em 1993 para a Universidade de Puebla, no México, Holloway entra em contato com a experiência zapatista e vislumbra nela a possibilidade de ver rompida a gaiola global do poder imperial do capital. Atualmente, é professor do Instituto de Ciências Sociais e Humanidades da Universidade Autônoma de Puebla. Holloway afirma que o FSM representa a busca planetária de respostas para enfrentar a catástrofe capitalista e defende a construção de formas de organização social diferentes das formas clássicas do Estado, que ele considera excludente e alienante, em todas as suas variantes. Eis os principais trechos da sua entrevista, concedida por telefone na semana passada:*

**IHU On-Line** - Como o senhor vê o movimento formado nas diversas edições do FSM?

**John Holloway** - É um movimento muito importante que surge do fracasso óbvio do capitalismo, por um lado, e do fracasso dos movimentos tradicionais, partidários de oposição, por outro lado. O FSM é para mim um movimento que está buscando respostas para uma situação catastrófica para a humanidade.

**IHU On-Line** - De que maneira esse movimento pode estar influenciando nas esquerdas tradicionais?

**John Holloway** - Eu não sei se é questão de influência ou de entendê-lo em termos de ressonância. Eu vejo o FSM como parte de um movimento, de um processo de re-pensar as políticas e as possibilidades de mudar o mundo. Acho mais importante ver os fóruns sociais como um elemento dentro de um movimento muito mais amplo.

**IHU On-Line** - Quando fala em fracasso do capitalismo, está considerando seus efeitos para a humanidade ...

**John Holloway** - Cada vez há maior injustiça, uma brecha maior entre pobres e ricos, violência cada vez maior, destruição do ambiente natural, um processo de exploração mais intensa que causa cada vez mais estresse, mais problemas psíquicos. Eu acho que não é só problema do neoliberalismo, não é questão das políticas que estão seguindo os governos, mas sim de entender que essas políticas neoliberais são expressão da forma atual de organizar a sociedade, a forma atual de organizar a atividade humana.

***IHU On-Line - O que mais lhe chama a atenção no Movimento Zapatista?***

**John Holloway** - O importante do zapatismo é que soube dizer “já basta!” Já não podemos aceitar a forma atual da organização social no mundo. Já não podemos aceitar o neoliberalismo, a forma atual do capitalismo. Eles estão buscando outras formas de expressar esta rejeição. Formas que não são simplesmente uma reprodução dos velhos esquemas revolucionários, nem muito menos uma reprodução da organização dos partidos políticos. Precisamente por essa busca de novas formas de dizer “não”, têm conquistado novos espaços de esperança no mundo. É por isso que o levante zapatista tem tanto impacto no mundo, precisamente porque há uma ressonância entre o que os seus integrantes propõem e a busca pelas pessoas de uma forma de sair desta situação catastrófica da sociedade na qual nos encontramos.

***IHU On-Line - O FSM, assim como também o zapatismo, o movimento dos piqueteiros, o MST poderiam fazer parte do que Hardt e Negri definem como “multidão”, um novo sujeito revolucionário?***

**John Holloway** - Eu não gosto muito da categoria de multidão, mas me parece importante que a revolta social no mundo, atualmente, toma muitas formas diferentes. Na América Latina em particular, as formas mais importantes que eu vejo são os zapatistas, o MST, o movimento dos piqueteiros e tudo o que está havendo na Argentina. Mas também a guerra do gás na Bolívia, os movimentos no Equador, etc. Se começamos a pensar em tudo o que está acontecendo, vemos uma efervescência incrível. Uma forte busca de novas formas de fazer as coisas. Para mim, o importante no zapatismo não é celebrar os dez e os vinte anos, e sim pensar no desafio principal, que para mim é o desafio do zapatismo urbano, porque finalmente a capacidade de mudar o mundo vai depender muito do que acontece nas cidades e nisso me parece que o movimento argentino dos piqueteiros tem uma importância especial.

***IHU On-Line - Como seria uma organização social diferente? Que lugar ocuparia o Estado? Ou não haveria Estado?***

**John Holloway** - Acho que não haveria Estado, porque o Estado é uma forma particular de organizar a sociedade. É uma forma hierárquica que exclui as pessoas, uma forma alienante. Obviamente necessitamos de formas de organização social, mas que sejam diferentes, que não reproduzam aquelas formas excludentes do Estado.

***IHU On-Line - Que podemos esperar da esquerda no poder? Como o senhor vê o governo Lula?***

**John Holloway** - Na verdade, não podemos esperar grandes coisas da esquerda no poder. Obviamente é melhor ter um governo de esquerda que de direita, mas o Estado está tão integrado na rede de relações sociais capitalistas em nível mundial que não há grande coisa que um governo de esquerda possa fazer. E se vemos a experiência deste ano do governo Lula, me parece que ela ilustra isso muito bem. Vendo as coisas daqui, acho que o governo Lula tem decepcionado muita gente. Mas é importante ver que isso não é simplesmente um fracasso pessoal ou particular desse governo, e sim que manifesta os limites do que se pode fazer a partir do Estado. Um governo de esquerda não tem a capacidade de mudar a sociedade. O Estado não é a forma de fazê-lo.

***IHU On-Line - Em entrevista que nos foi concedida por Ignacio Ramonet (50ª edição, em 10 de março de 2003) durante o último FSM, ele atribuía ao Fórum as idéias que levaram ao poder Lula no Brasil e Gutiérrez no Equador. O senhor concorda com isso? Pensa que o FSM é algo contraditório e dá lugar aos que buscam a mudança com ou sem o poder?***

**John Holloway** - Acho que o FSM é um movimento muito contraditório e que todo o movimento antiglobalização, o zapatista, o das pessoas que apóiam os zapatistas são muito contraditórios. Isso me parece muito saudável no geral. Os movimentos de revolta sempre são contraditórios e devemos aceitar esse caráter. Ao mesmo tempo, essas contradições produzem tensões e é importante debater e discutir dentro deles. No movimento atual, há lugar para os que querem modificar através do Estado e os que

querem mudar o mundo sem tomar o poder, mas há tensões entre as diversas formas de ver as coisas. O importante é ver como essas tensões, sem negar sua existência, podem se desenvolver de forma produtiva.

***IHU On-Line - O senhor comentou em entrevista, que se sentia pessimista diante das reações da direita como a guerra, o racismo, etc, mas acrescentou que critica seu próprio pessimismo. Como faz essa autocrítica?***

**John Holloway - (Risos).** Eu acho que sou otimista e pessimista ao mesmo tempo.

***IHU On-Line - O senhor também é contraditório?***

**John Holloway - (Risos)** Sim, exatamente. Se virmos o mundo atualmente, a invasão do Iraque, a política de Bush e suas medidas de segurança nos aeroportos, etc, é importante ter um sentimento de urgência, de ver que a dinâmica atual do mundo está levando a humanidade à sua auto-aniquilação, o que é um perigo muito real. Nesse sentido, é importante ter certo pessimismo, ou melhor, uma clareza sobre a urgência dessa situação. Por outro lado, essa situação sublinha a importância da esperança de buscar saídas. Não podemos ficar com uma visão pessimista do mundo. Não podemos a idéia de que não há nada a fazer. É precisamente a urgência da situação que nos empurra para um otimismo que não é vazio, que surge de uma necessidade de mudar o que está acontecendo. Acho que tento combater meu pessimismo com uma esperança que me move a realizar e buscar uma mudança.

***IHU On-Line - O senhor fala de “antipoder” como um movimento de unificação do fazer social e das relações sociais. Poderia explicá-lo melhor? Que exemplos temos?***

**John Holloway -** O antipoder é o movimento capaz de desenvolver nossa capacidade de fazer as coisas. É um processo de unificação, de juntar nossos fazeres e isso vai contra o capital e o capitalismo, que é um movimento constante que nos separa, tira nossa capacidade de fazer as coisas. Exemplo disso existem por muitos lados nos movimentos de revolta, mas não só neles, na experiência cotidiana das pessoas, na experiência de se juntar com amigos, de tentar fazer as coisas bem, dos professores da escola, dos médicos, dos jornalistas, como neste caso. Em todas as tentativas de fazer as coisas bem há um movimento de antipoder. Trata-se de uma tentativa de fazer as coisas segundo o que nós consideramos necessário ou importante. Esse movimento existe em todos os lados, mas obviamente não é só de forma individual, também coletiva, como os fatos maiores, os movimentos de que já falamos, o FSM, etc.

***IHU On-Line - Como se compreenderia o antipoder na organização social? Qual seria sua utopia em relação à sociedade?***

**John Holloway -** Acho que não é questão de dizer exatamente como seria organizada a sociedade, e sim de ver as tendências atuais nos movimentos de oposição e pensar como essas tendências podem se desenvolver. Não penso em uma organização simplesmente de comunidades pequenas, não é possível pensar no mundo assim. Devemos começar pelas fissuras que existem atualmente na organização capitalista. Temos que pensar em termos de dignidade, em termos das revoltas contra o capital que existem por todos os lados. Mas é muito importante também ir pensando na unificação das dignidades, das revoltas, das fissuras. Unificação, não em termos de organização hierárquica, mas de como podemos conceber um entrelaçamento dos fazeres distintos. Não penso numa sociedade agrária, idílica. Eu uso meu computador todo o tempo. Estamos falando por telefone, eu no México, você no Brasil. Tudo isso requer uma organização bastante desenvolvida que unifique os esforços e os conhecimentos de muitíssimas pessoas diferentes em todo o mundo. Devemos pensar de onde estamos, das portas e fissuras que existem e da maneira como elas podem se articular, e isso não pode ser feito através do Estado.

***IHU On-Line - Portanto seu livro não é uma tentativa de responder como mudar o mundo sem tomar o poder, e sim uma constatação das diversas iniciativas que tomam esse caminho?***

**John Holloway** - Não posso dar uma resposta simplesmente porque a resposta não existe. Seria absurdo, neste momento, dizer que eu sei como mudar o mundo sem tomar o poder. Eu não sei e acho que ninguém o sabe. O que podemos fazer é ir experimentando, explorando. E isso é o que está acontecendo nas experiências atuais de tantos grupos. É mais tratar de observá-las e ver as respostas que elas destilam. No livro, afirmo primeiro que o óbvio é que devemos mudar o mundo. Em segundo lugar, que toda a experiência do último século mostra que não é possível fazê-lo através dos estados. Em terceiro lugar, que pelo tanto devemos mudar o mundo sem tomar o poder. Em quarto lugar, não sabemos como fazê-lo. Mudar o mundo sem tomar o poder é colocar uma pergunta, um desafio e não dar uma resposta.

**IHU On-Line - Quais foram as principais críticas ao livro e às teorias principais que ele apresenta?**

**John Holloway** - O livro recebeu muitas críticas. Isso me deu muita alegria, porque a proposta do livro é a de impulsionar a discussão. Eu não quero necessariamente que concordem comigo, mas sim que as pessoas comecem a pensar outra vez como podemos mudar a situação atual. As críticas mais comuns têm vindo das pessoas que defendem a esquerda revolucionária tradicional, afirmando que o partido é importante e que a única forma de mudar o mundo é através da tomada do poder. As vezes, essas críticas são a repetição de esquemas dogmáticos. Um outro tipo de crítica, bastante importante, disse que o argumento do livro é demasiado teórico e não suficientemente histórico. Eles pensam que seria importante ver com mais detalhes a experiência revolucionária dos movimentos do último século. Acho que é uma crítica interessante, mas a minha resposta é que poderíamos nos perder no detalhe do passado, sem assumir a responsabilidade de ver que o problema é nosso e é do presente. Também é importante não dar demasiada importância à história, porque o que estamos tentando fazer é romper com a história e não obedecê-la. A revolução não é a culminação da história, e sim a ruptura da história. Há muitas outras críticas, mas essas seriam as principais.

**IHU On-Line - Como professor universitário que está concedendo uma entrevista a uma publicação universitária, que diria sobre o lugar da Universidade na tentativa de mudar o mundo sem tomar o poder?**

**John Holloway** - A luta é sempre “em” e “contra”. Está dentro do capitalismo e contra ele. Também deveria ser uma luta na universidade e contra a forma universitária. É questão de romper com as normas disciplinares. Romper com o conceito tradicional da ciência. Romper, sobretudo, com o conceito a que tendem as ciências sociais, que estudam a sociedade “de fora” e não se vêem como parte de um movimento. Devemos tentar compreender o nosso trabalho como forma de articular e fortalecer o rechaço ao capitalismo.

**IHU On-Line - Qual foi sua impressão geral do Brasil, na recente visita por motivo do lançamento da tradução portuguesa do livro *Mudar o mundo sem tomar o poder*?**

**John Holloway** - Foi minha primeira visita ao Brasil e gostei bastante. Fiquei com vontade de voltar. Conheci muita gente boa. Uma situação muito interessante também pela presença do governo Lula, um governo de pretensões esquerdistas que tem uma importância mundial muito grande. Mas, nesses dias, senti que havia uma grande decepção com a experiência desse governo. Parece-me importante refletir sobre isso, não somente em termos de seu governo concreto senão do que implica mudar a sociedade através do Estado. Mas, no geral, foi bom. Tenho muita vontade de retornar.

## Mudar o mundo sem tomar o poder

*Reproduzimos as orelhas e a contracapa da obra **Mudar o mundo sem tomar o poder**, de John Holloway (São Paulo: Viramundo, 2003). Tradução de Emir Sader. O título original é **Change the World Taking***

**Power: the Meaning of Revolution Today** (Londres: Pluto Press, 2002). Confira logo acima uma entrevista exclusiva de John Holloway a **IHU On-Line**.

Nascido em Dublin, na Irlanda, John Holloway tornou-se doutor em Ciências Políticas pela Universidade de Edimburgo, Escócia, - onde lecionou de 1972 a 1998 -, tendo-se diplomado ainda em Altos Estudos pelo College d'Europe. Sua preocupação sempre esteve centrada no estabelecimento dos vínculos existentes entre o Estado e a opressão do capital, culminando na percepção de que todo Estado constitui uma forma de poder que não pode negar a si mesmo, incluindo-se nessa categoria os Estados Revolucionários.

Transferido em 1993 para a Universidade de Puebla, no México, Holloway entra em contato com a experiência zapatista e vislumbra nela um raio de possibilidade de ver rompida a gaiola global do poder imperial do capital.

Neste livro, cujo próprio título estimula a polêmica, quando não a desconfiança, o autor faz a crítica do chamado "marxismo científico" (talvez o mesmo que Kurz denominou de marxismo do movimento operário). Nesta sua obra *revisonista*, no melhor sentido do termo, John Holloway chega a lembrar autores como Sorel (não citado no livro), que, diante da "crise do marxismo" do fim do século XIX, entabulou uma crítica da ortodoxia, a qual enfatizava a cisão radical com a ordem do capital e do poder.

Holloway aceita e radicaliza a formulação do fetichismo das relações humanas sob o domínio do Estado do capital proposto por Marx, mas busca amplo respaldo em Adorno e em sua "dialética negativa". Com isso procura mostrar que toda e qualquer instituição representa uma forma alienada de relação social e uma forma de poder. A única saída possível do mundo extremamente fetichizado e submetido a várias formas de poder, no qual nos encontramos, é ir para além do Estado e de todo o poder, incluído, é certo, aquele contido nos micropoderes e nas relações de produção capitalistas.

Para isso é necessário concretizar socialmente o antipoder. Essa seria uma busca radical de autonomia e de antagonismo em relação ao Estado e ao capital. A revolução é precisamente o desenvolvimento e a realização do antipoder. Este se concretiza ao romper o vínculo, imposto pelo capital e pelo poder, entre o poder-sobre e o poder-fazer. O poder-fazer livremente, sem obstáculos, é o não-poder. A crise do capital possibilita e estimula uma realidade material para o antipoder. Mas atenção: ele não surge do processo de crise da ordem do capital, mas da luta pela constituição de uma nova sociabilidade contra o Estado e contra o poder. O sujeito é formado por quem se rebela, por quem grita contra a ordem, por quem se coloca do lado de fora e contra o Estado e o poder. O livro não traz conclusões, pois trata-se de uma convocação para o poder-fazer livre e autonomamente.

### **Marcos Del Roio**

Quando a esperança vencer o medo definitiva e inequivocamente o "grito de rebeldia" – nos campos e nas cidades, nas florestas e nas minas, nos assentamentos e nas fábricas, nas favelas e nas universidades – se fará tão forte que o mundo dos poderes imperiais e dos poderes patriarcais, das burocracias e dos capitalistas, não poderá mais se sustentar.

### **O significado da revolução hoje**

Mais do que uma esperança derivada da possibilidade eventual de algum "bom governo" deverá nascer a confiança no poder-fazer sem o controle do Estado, do capital ou da miríade de pequenos poderes. É esse o desafio proposto por este livro de John Holloway: uma convocação para sair de toda esfera do poder, para pensar e fazer juntos, sem verdades e idéias prefixadas, em busca da esperança e do impossível.

## Zapatismo, ano 10

O jornal **La Voz de Galicia** publicou, no dia 5 de janeiro de 2004, o artigo que reproduzimos a seguir, de autoria de Ignácio Ramonet. No texto, Ramonet fala sobre o Movimento Zapatista. Ele escreveu o livro **Marcos, la dignité rebelle** (Galillée, 2001), também publicado em espanhol (**Marcos, La dignidad rebelde**. Valencia: Cybermonde, 2001). O espanhol Ignácio Ramonet é jornalista, especialista em geopolítica e estratégia internacional, doutor em Semiologia e em História da Cultura pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, diretor, em Paris, do jornal mensal **Le Monde Diplomatique** e da revista trimestral **Manière de voir** e professor de Teoria da Comunicação Audiovisual na Universidade Denis-Diderot (Paris VII). Ramonet concedeu uma entrevista a **IHU On-Line** e outros veículos de comunicação durante o III Fórum Social Mundial, que aconteceu em Porto Alegre, de 23 a 28 de janeiro de 2003. A entrevista foi publicada na 50ª edição, de 10 de março de 2003. Também traduzimos e veiculamos dele um artigo, na 88ª edição, de 15 de dezembro de 2003. O texto a seguir foi traduzido pela equipe do **IHU On-Line**.

Há dez anos, o 1º de janeiro de 1994, retomando a bandeira de Emiliano Zapata, herói principal da revolução mexicana de 1910, e quando todos os politólogos consideravam que a era das guerrilhas havia terminado na América Latina, faziam espetacular irrupção na cena política o subcomandante Marcos e os zapatistas.

Por que esse dia precisamente? Porque esse primeiro de janeiro entrava em vigor o Tratado de Livre Comércio Norte-Americano (North American Trade Agreement, NAFTA) assinado pelos Estados Unidos, Canadá e México, que consagrava a inserção deste país na economia de mercado e na lógica da globalização liberal. Isso significava o freio definitivo à repartição do agro, a transformação de todas as terras, inclusive a dos logradouros, mercadoria para comprar ou vender e a marginalização final dos indígenas.

Quem são os zapatistas? Essencialmente índios de Chiapas que levantam a cabeça depois de cinco séculos de submissão, de resistência silenciosa e de rebeliões abafadas: «os sem rosto, os que andam de noite, os que moram na montanha, homens e mulheres autênticos». E que empunham as armas para tomar a palavra e não o poder, para combinar a dignidade indígena e a luta pela democracia no México, chamando a respeito das identidades em pé de igualdade. Fartos de viver em condições de tal humilhação social que sua rebelião fez tremer a toda América Latina.

Com efeito, aquela irrupção zapatista retumbou muito além das fronteiras. Em parte, porque sua mensagem revelava, com ironia e finura, um novo herói político romântico, escondido atrás de seu cachimbo e coberto por uma toca ninja: o subcomandante Marcos.

Por que isso de «subcomandante»? Porque o comandante é o povo, e porque todo dirigente popular está às ordens do povo. E quem é Marcos? A esta pergunta, o subcomandante responde: «Se queres saber quem se esconde por trás da toca ninja, pega um espelho e olha a ti mesmo nele. O rosto que descobres é o de Marcos, porque todos somos Marcos».

Desde que surgiu o movimento zapatista nada é já como antes. Este movimento, como um espelho, devolve a imagem do país que, em realidade, existe com o aspecto disforme que o neoliberalismo lhe tem dado. Marcos pensa que, junto com os partidos políticos e os sindicatos, a sociedade civil e o movimento social tem passado a ser os novos atores da mudança, portadores de forças eficazes de transformação. Nisso, Marcos e os zapatistas são os grandes precursores do movimento antiglobalização e os anunciadores do Fórum Social Mundial.

«Rede de vozes que nascem resistindo e que reproduzem essa resistência através de outras vozes, até então mudas e solitárias», os zapatistas não têm estado diretamente presentes nos protestos de Seattle, Porto Alegre, Gênova, Barcelona, Florença, Saint-Denis (nem estarão em Bombay dentro de duas

semanas), mas têm servido de argamassa ideológica para coordenar grupos, movimentos e militantes dispersos.

Partem do fato de que o sistema político, na era da globalização, confunde e mistura as identidades de classe, o que permite o completo desenvolvimento do cidadão, da sociedade civil e do movimento social não adscritos a uma corrente política predeterminada. Não acontece já como no antigo movimento operário, que dependia por completo do Partido Comunista, senão que a sociedade civil e os movimentos sociais, junto com os grupos políticos e os sindicatos, são os atores mais potentes da mudança contemporânea.

Desprovidos de dogmatismo, tanto a sociedade civil como o movimento social podem mobilizar, em seu favor, as forças de paz, da convicção e da razão.

## A causa de Chiapas que virou global

*Além dos aspectos que alguns questionam, como o afã militarista e o dogmatismo, a guerrilha encabeçada pelo subcomandante Marcos conseguiu que, em apenas uma década, o mundo escutasse o clamor centenário dos indígenas explorados do México. Sobre o tema, reproduzimos a seguir o artigo do ensaísta e jornalista mexicano Carlos Monsiváis, publicado no Jornal **Clarín**, em 3 de janeiro de 2003. A tradução é da equipe do **IHU On-Line**.*

Aos dez anos do primeiro de janeiro de 1994 e da irrupção em Chiapas do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), se acumulam interpretações, acontecimentos, fatos e questionamentos muito contraditórios e conseqüências numerosas.

Essa é uma descrição mínima.

Desde 1994, Chiapas, o estado da República Mexicana, se transformou nacional e internacionalmente em um conceito semelhante e distinto. Chiapas, sinônimo de marginalização extrema, políticas genocidas dos governos neoliberais, rebelião por causas justas. Os ex-presidentes Carlos Salinas de Gortari e Ernesto Zedillo tentaram reduzir as dimensões do conflito a quatro municípios sem importância militar alguma, mas foram desmentidos pelos fatos. Hoje Chiapas quer dizer resistência ao neoliberalismo e às suas empresas exploradoras. O EZLN nunca foi problema militar, mas em Chiapas permanece um grande número de soldados.

Por bem ou por mal, se aceita a existência de um setor indígena que não se sujeita à proteção esporádica do Instituto Nacional Indigenista nem espera piedade. Sem dúvida, o EZLN apresenta ângulos criticáveis (entre eles, o espírito militarista de alguns dirigentes, o desprezo por formas elementares de respeito ao interlocutor, a simplificação ideológica em diversos pronunciamentos e, recentemente, o apoio aos grupos mais radicais do País Basco), mas não são minimizáveis a seriedade de seus propósitos e a razão de ser de seu empreendimento: a recusa das condições infra-humanas da vida indígena, da ilegalidade em nome da lei, do cinismo priista (o Partido Revolucionário Institucional, PRI, que governou o México ininterruptamente durante sete décadas). Não creio em causas sustentadas pela violência, mas, por exemplo, antes de 1994 só um punhado dos críticos atuais do EZLN se havia inteirado da situação de Chiapas e do mundo indígena.

### **Românticos, mas rudes**

Tem sido afortunada e desafortunada a insistência do EZLN para que a sociedade civil o acompanhe em sua busca de paz digna e de mudanças democráticas. A mais combatida das iniciativas do EZLN, a sociedade pró-zapatista, é um projeto que tem perdido adeptos no caminho por causa dos “maus modos” do EZLN, pelo caráter “romântico” do apoio e pela inconsistência de um bom número de aliados, fanáticos por empreendimentos de curto prazo.

Mas a sociedade civil, de tão difícil definição, contém grupos generosos e valentes que fizeram sua a causa indígena e realizaram mobilizações notáveis: as marchas de janeiro de 1994, a Convenção de

Aguascalientes, Chiapas (sete mil participantes) em 1994, a resistência ao aniquilamento do EZLN anunciado em fevereiro de 1995, o Encuentro Intergaláctico em La Realidad em 1996, as boas-vindas na Cidade do México aos mil cento e onze representantes do EZLN em 1997 e, sobretudo, a Caravana Zapatista ou o Zapatour em fevereiro e março de 2001, sem dúvida a maior mobilização nacional na história da sociedade civil mexicana. *El Zócalo* da Cidade do México tomado por mais de trezentos mil participantes que ouviram em silêncio o discurso do subcomandante Marcos é o momento culminante, até agora, do EZLN.

Graças à rebelião de Chiapas, pela primeira vez se questiona o determinismo que se impôs à percepção do indígena. Ser índio no México tem significado – sem que isso incomode aos demais – carecer do mínimo de bem-estar e do máximo da exploração e da tragédia. E, no cerco racista, destacava-se a culpabilização da vítima: “São pobres porque querem, porque insistem, em ser índios. Poderiam viver em outra parte, ter outros trabalhos, outras ambições”. Esta estupidez racista foi liquidada por uma evidência: o atraso se impõe com a falta de oportunidades educacionais, falta de capacitação profissional, pelo semi-escravismo imposto aos peões, o racismo, o alcoolismo induzido, etc. Examinado racionalmente, o fatalismo perde seu maior argumento: a aceitação involuntária. Mantidas essas condições, ele tende a desaparecer, incorporando-se a outro fatalismo mais poderoso: o do México frente à globalização.

Temas e problemas indígenas, que antes se dissolviam na indiferença “natural”, são implantados na vida mexicana. Desde 1994, se intensifica o fluxo de conhecimentos e a avalanche de livros, números especiais de revistas, ensaios, artigos, vídeos, simpósios, programas especiais de rádio e de televisão, colóquios, debates em todos os fóruns, etc. Nunca antes ocorrera uma aproximação semelhante da vida indígena, extrapolando as pesquisas antropológicas. O racismo é um componente fundamental do conflito, começando pelo audaz governante maior de Chiapas que declarou estar convencido do caráter apócrifo do EZLN porque os indígenas genuínos usariam arcos e flechas. Até os priistas e alguns jornalistas estão absolutamente convencidos de que é condição própria dos índios a de serem manipuláveis. E as viagens massivas a Chiapas e o caudal de informações revelavam a quantidade e a extensão do racismo.

A religião desempenha um papel essencial no processo. Nos anos recentes, e por diversos motivos, o protestantismo e igrejas como a denominada “Testemunhas de Jeová” ganharam terreno em Chiapas, e o único remédio à mão contra as “seitas” tem sido a perseguição. O mais notório, mas de nenhum modo o único, é o caso dos expulsos de San Juan Chamulan, os mais de 35 mil instalados nos arredores de San Cristóbal. São incessantes as expulsões, os assassinatos, os saques de propriedades. E a intolerância não tem merecido críticas da esquerda tradicional (convencida de que todos os protestantes são agentes de Wall Street e da CIA), nem do governo (medroso ante a possibilidade de molestar a Igreja Católica, sua possível aliada e inquisidora), nem, claro, pelo clero católico, recolhido em seu dogma: os hereges recebem o que merecem.

O subcomandante Marcos é um dos personagens mais controvertidos do México contemporâneo. No pensamento de Marcos, estão presentes o passado radical, a entrega à sua causa, o dogmatismo abandonado parcialmente na terceira semana de 1994, a simpatia romântica pelos projetos revolucionários, o valor atribuído à vontade de não deixar-se vencer (o “JÁ BASTA!”) e a exigência de uma vida digna. Também, e notoriamente, Marcos tem oferecido um ponto de vista muito eficaz, desde aquele texto de janeiro de 1994: “A quem temos que pedir perdão?” Presumido e sectário às vezes, divagador sem limite ocasionalmente, Marcos é filho de sua vontade e do projeto de resistência de algumas comunidades indígenas, mas também, em boa medida, surge da adesão de setores amplos do mundo indígena e da resposta emocionada de diversas seções da opinião pública nacional e internacional, de intelectuais, jornalistas e leitores.

Neste janeiro de 2004, Chiapas é, por concentrar tão agudamente o problema da imensa desigualdade, problema que jamais será resolvido pela repressão e táticas de linchamento informativo.

## “A globalização pode ser desativada”

### Entrevista com Carlos Montemayor

*Carlos Montemayor é autor, tradutor, ensaísta, poeta e narrador mexicano. Formou-se em Letras Ibero-Americanas na Universidade Nacional Autónoma de México (UNAM). Foi professor da Universidad Autónoma Metropolitana- Azcapotzalco (UAM-A). Conferencista reconhecido e lido em diversos institutos e universidades do México, da América Latina, da Europa e dos Estados Unidos, membro do Conselho Científico Internacional, da Association Archives de la Littérature Latino-Américaine, des Caribes et Africaine du xxe siècle, da Academia Mexicana da Língua Espanhola, é especialista em tradição oral dos maias de Yucatán e impulsor da nova literatura escrita na língua desse povo e Correspondente da Real Academia Espanhola. Entre as distinções nacionais e internacionais recebidas, destacamos o Prêmio Internacional Juan Rulfo por seu conto **Operativo en el trópico**; o Xavier Villaurrutia por **Las llaves de Urgell**; e o Prêmio de narrativa Colima, em 1991, pela novela **Guerra no Paraíso**, na qual demonstra que entre Emiliano Zapata e o subcomandante Marcos, houve outros mexicanos que se levantaram contra a infâmia da miséria. Destacamos, entre suas obras, o importante livro **Chiapas, la rebelión indígena de México**. Madrid: Espasa, 1998. Para Montemayor, a própria globalização está produzindo elementos teóricos, técnicos e sociais de protesto, dando início a um movimento mundial que lhe dá combate. Ele localiza no EZLN práticas e propósitos que renovaram a linguagem política do México e deram dimensões nacionais à luta dos povos indígenas, que é antiga, continental, e se assemelha às lutas de outros povos e grupos sociais, cujos interesses e características os Estados e empresas líderes da globalização desejam homogeneizar.*

Publicamos a seguir, trechos da entrevista concedida por Montemayor a **IHU On-Line** por telefone, na sexta-feira passada.

#### **IHU On-Line - Há quem veja no Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) o precursor dos movimentos antiglobalização, especialmente do FSM. O senhor confirma esta idéia?**

**Carlos Montemayor** - O EZLN foi a origem de um despertar mundial contra a globalização nos encontros chamados intergalácticos, celebrados nas águas quentes dos territórios Zapatistas. Foi a primeira mobilização, antes de Seattle, de Washington, de Davos e de Porto Alegre, com caráter internacional e contra a globalização.

#### **IHU On-Line - Qual o significado dos 20 e 10 anos do Movimento Zapatista?**

**Carlos Montemayor** - São muitas as dimensões que envolvem o EZLN. Primeiro, é uma continuidade dos movimentos guerrilheiros mexicanos que se iniciam desde 1965 na serra Chihuahua. Eu tenho comentado que o amanhecer do primeiro de janeiro de 1994, nas montanhas de Chiapas, começou, na realidade, no amanhecer do 23 de setembro de 1965, nas montanhas de Chihuahua. Há uma continuidade ininterrupta de uma guerrilha mexicana que foi desconhecida porque tem sido calada, desmentida e negada pelo governo mexicano. Em um sentido, então, o EZLN é uma continuidade dos movimentos guerrilheiros. Em outra dimensão, é uma continuidade dos movimentos indígenas armados. Há uma longa história de mobilizações armadas indígenas de muitas décadas. Diante destas grandes dimensões de mudanças de gerações dirigentes e contingentes, o EZLN apenas é um despontar, um pequeno princípio. Em outro aspecto, o EZLN tem renovado a linguagem política no México e tem conseguido situar em escala de debate nacional o tema dos direitos dos povos indígenas, sobretudo em um país como o nosso cuja cultura é profundamente indígena. Um outro aspecto a levar em conta nestas celebrações é que o EZLN é parte de um processo continental de ressurgimento, de consciência e ativismo político dos mapuches do alto Bío-Bío, os aimarás, na Bolívia e os quíchuas peruanos ou os maias da Guatemala ou os indígenas canadenses. Há um movimento importante em nível continental. O EZLN é uma dimensão reconhecida por todos os povos indígenas do continente.

***IHU On-Line* Qual é a incidência que o movimento zapatista está tendo no mundo hoje?**

**Carlos Montemayor** - Para entender a incidência do EZLN, devemos entender o momento que estamos vivendo. O mesmo processo econômico da globalização está produzindo seus próprios anticorpos, sua própria contenção. Os devastadores efeitos de empobrecimento devem-se à mecânica específica de livre mercado que concentra cada vez mais poder em um menor grupo de empresas transnacionais. Quando estas empresas transnacionais controlam todas as fronteiras, então o resultado mecanicamente é o de fortalecer os núcleos de empresas transnacionais e empobrecer cada vez mais as empresas locais, os consumidores locais, e, portanto propor o desenvolvimento da economia do mundo como o desenvolvimento dos consórcios transnacionais e não como o crescimento de políticas de controle ou bem-estar da sociedade humana. O benefício das práticas globalizadoras se concentra nas sociedades anônimas das empresas transnacionais. Em outras palavras, para empresas como Monsanto, DuPont e outras, a investigação científica sobre alimentos e a manipulação genética de grãos, se coloca como a única possibilidade de resolver aparentemente a fome no futuro. Mas não é assim, porque só o que estão mostrando, em numerosos lugares, é que com essa manipulação genética e com este controle tecnológico da produção de alimentos e de grãos está-se assegurando somente o controle de clientes cativos, mas não o controle da fome ou da desnutrição. Dessa forma, a globalização está produzindo elementos teóricos, técnicos e, sobretudo, sociais de protesto e de início de um movimento que vá contra a corrente.

***IHU On-Line* - Movimentos como o EZLN ou o FSM estão tendo uma influência nas esquerdas tradicionais? Também elas fazem parte desse movimento contra-corrente?**

**Carlos Montemayor** - Neste momento, necessitamos que todas as esquerdas tradicionais ou novas, altermundistas ou conservadoras, necessitamos que todos os seus militantes estejam dispostos a participar na contenção destas políticas globais. Neste momento, é fundamental tomar consciência de três pontos. O primeiro é que a globalização não é algo fatal, nem natural, nem iniludível. Vinte anos atrás nos faziam crer que era inevitável. A globalização não é como as leis naturais do inverno ou da primavera. O segundo ponto importante é que esse conceito de livre mercado, na realidade tem rosto, assinatura, nomes e contas bancárias. Portanto, esses núcleos são os que querem se fazer passar como etéreos e invisíveis, mas são os que concentram o poder sobre Estados, fronteiras, países e governos; governos que têm nomes, rostos, funções e responsabilidades. A grande fortaleza destas poucas firmas transnacionais quer sufocar a todos os países que possam ter o mínimo de mercado que a elas interesse. Devemos ter consciência de que essa força antinatural, elitista, quer atropelar e se impor sobre governantes, poderes legislativos, supremas cortes de justiça, universidades públicas, sociedades inteiras. Essa força pode ser identificável, desativada, denunciada. Este é um processo importantíssimo, para o qual é bem-vindo todo o grupo, sindicato, corporação, que seja capaz de denunciar, onde estiverem, estes procedimentos. O terceiro ponto, também essencial, é que a única possibilidade que temos, se as coisas continuarem assim, é a da pobreza, da fome, do analfabetismo. A única possibilidade é agir e desativar este mecanismo mundial e monstruoso. Quando chegemos a este terceiro ponto, não sei se nós estaremos ainda entre os vivos ou entre os desaparecidos, mas no primeiro e segundo ponto, cabemos todos aqueles que estejamos dispostos a participar, agora, da perspectiva ou do ângulo ideológico que queiram. Eu, neste momento, não me oponho a escolher ou selecionar quem tem direito a participar e a protestar para conter estes movimentos.

***IHU On-Line* - De que forma o EZLN está realizando essas mudanças, levando em conta que, segundo John Holloway é um exemplo dos grupos que estão mudando o mundo sem tomar o poder?**

**Carlos Montemayor** - É um movimento que não trata de tomar o poder: isto é algo incrível. É um movimento incluyente. É o surgimento de um pensamento secular no mundo camponês, indígena de nosso continente, como existem semelhantes em outros continentes. Eles propõem algo elementar: no mundo podemos caber muitos e podemos caber muitos sendo diferentes, e podemos caber muitos para seguir sendo diferentes. Este processo é fundamental, porque a globalização também tende a homogeneizar necessidades,

satisfações e padrões de comportamento. Na medida em que somente Hollywood seja a produtora de arte cinematográfica no planeta, então tenderíamos a ver a atividade cinematográfica como um procedimento somente das transnacionais que, no planeta, manejam produção, propaganda e salas de exibição. Na medida em que haja uma resistência de produção de cinema brasileiro, venezuelano, espanhol, italiano, mexicano, nessa medida nós estaremos impondo uma visão incluída à visão excludente da globalização. Esta descoberta e plataforma do EZLN é básica. Eles colocam desde o início “nunca mais sem nós”, quer dizer, um “todos” que inclui uma diversidade que corresponde exatamente à realidade mundial. Da mesma forma em que a globalização econômica quer homogeneizar necessidades e satisfações, também as armas do país globalizador por excelência, querem excluir e impor o uso de culturas, línguas, costumes, visões de mundo, e emprego de hidrocarbonetos [combustíveis fósseis] de acordo com sua própria visão homogeneizadora do mundo. Então, agora, em todos os aeroportos do planeta estão sendo vigiados todos aqueles que não estejam de acordo com o padrão básico dos anglo-saxões ou dos países do primeiro mundo. Todos os que não sejam desse esquema globalizante somos suspeitos. A defesa da pluralidade, que é a realidade mundial, é a bandeira e a linguagem inicial profunda ressonante do EZLN.

### ***IHU On-Line - Qual a visão oficial que o governo divulga do EZLN?***

**Carlos Montemayor** - O governo pretende dizer que já não existe o zapatismo, que Marcos está morto, que é de outro mundo, que as Juntas de Bom Governo<sup>1</sup> não existem, que os simpatizantes zapatistas não existem, que a solidariedade internacional não existe. A negação, como sistema, no governo Mexicano e em qualquer governo hegemônico do planeta é a mesma. O governo Bush nega que a resistência no Iraque seja uma resistência social, nega que os EUA são condenados por seu governo no planeta inteiro, nega que o atropelo dos EUA seja uma negação da democracia, nega a validade da Corte Penal Internacional, se é aplicada a eles ou ao governo de Sharon, em Israel. Estamos diante de políticas que negam para excluir e que negam para evadir realidades. O governo do México nega desde muito tempo atrás todas as suas carências e dificuldades. Essa é a versão oficial de México: negar os conflitos sociais e propor um país utópico como o da realidade de seus sonhos.

### ***IHU On-Line - Qual é o principal desafio do zapatismo atualmente?***

**Carlos Montemayor** - O mais importante do EZLN é o estabelecimento e desenvolvimento das Juntas de bom Governo, porque elas constituem o mecanismo de materialização dos acordos de Santo Andrés<sup>2</sup>, que de certa forma derivam também do Convênio 169 da Organização Internacional do Trabalho, que o México subscreveu em 1989 e que o Senado da República ratificou em 1990. Ou seja, o governo mexicano tem dito três vezes a mesma coisa: duas em âmbito internacional e uma nacional, mas apesar disso não cumpriu nada. As Juntas de Bom Governo são a resposta que o EZLN deu à negativa de Estado. Depois da marcha zapatista de 2001, o Poder Executivo mexicano deu às costas às reformas institucionais de Santo André e também às do Poder Legislativo e à Suprema Corte de Justiça. Estamos falando do Estado mexicano, não de um grupo do governo mexicano: uma negativa de Estado. O EZLN responde a essa negativa com uma prática política, com uma força política que é a instalação das Juntas de Bom Governo e este é o coração de sua luta e de sua busca. Creio que 10 e 20 anos depois estão iniciando um projeto que se propõe durar não semanas, nem meses, nem anos, senão toda a vida. Estamos no início da política do EZLN.

---

<sup>1</sup> As Juntas de Bom Governo são novas estruturas de governo regional indígena nas zonas de influência do EZLN, que tem por objetivo, além da revitalização do processo político zapatista, um significativo passo na constituição de novas formas de governo indígena e de fortalecimento de seu processo de autonomia.

<sup>2</sup> Acordo assinado em 16 de fevereiro de 1996 entre o EZLN e os governos do Estado de Chiapas e Federal do México, sobre os direitos dos povos indígenas. Maiores informações em <http://www.indigenas.oit.or.cr/sandres.htm>

**IHU On-Line - Como o EZLN vê o uso das armas dentro de sua luta social?**

**Carlos Montemayor** - Eles fizeram uma divisão desde o início entre organização militar e organização política; entre as responsabilidades da estrutura militar e as responsabilidades de suas organizações comunitárias. Isso se tem afirmado com o estabelecimento das Juntas de Bom Governo. Eles mesmos têm estabelecido ali desde agosto de 2003 em comunicado assinado pelo subcomandante Marcos, que deixavam de ser porta-vozes das Juntas de Bom Governo porque, a partir desse momento a população política civil das comunidades indígenas seria responsável por seus próprios comunicados, organização e comunicação nacional, local ou internacional. A organização militar segue mantendo suas funções e treinamentos, em função de dois ou três lineamentos básicos. Eles tomaram as armas, porque não há outra possibilidade de defender, em seus próprios territórios, a avalanche de injustiça, despojo, roubo, violência que exercem sobre seus grupos as elites locais e nacionais. Em segundo lugar, eles declararam guerra ao governo mexicano, porque era a única forma de assegurar o submetimento do governo mexicano aos acordos internacionais de legislação de guerra. Grande parte da guerra suja realizada nos países de nosso continente em décadas passadas deveu-se à negação de que os Estados latino-americanos lutam contra movimentos sociais, que os enfrentaram. Desqualifica-se o caráter social, convertendo as lutas desses movimentos em delinqüência pura. Dessa forma se vêem livres de recorrer a convênios internacionais em matéria de instabilidade e de violência civil, nem haveria necessidade de intervenção de organizações internacionais como a Cruz Vermelha internacional ou as Nações Unidas. Assim que inclusive a organização militar no caso do EZLN tem uma função política.

**IHU On-Line- Como aconteceu sua aproximação à convivência e estudo do EZLN?**

**Carlos Montemayor**- Eu venho trabalhando desde 1980, de maneira ininterrupta com as culturas indígenas em várias línguas do país e em outras zonas do Continente. Minha primeira visita ao Estado de Chiapas foi em 1983 e esta investigação tem sido de ordem lingüística, literária, cultural, política, antropológica, de maneira que há muito compromisso no estudo das comunidades indígenas. Também meu trabalho novelístico e minha investigação estereográfica tem me levado ao seguimento dos movimentos armados no México. O EZLN constitui um cruzamento de caminhos de minhas duas principais vocações atuais.

**IHU On-Line- Como definiria o subcomandante Marcos?**

**Carlos Montemayor**- É uma grande figura política. Um grande pensador, um grande ativista, um grande transformador, mas também um homem aberto ao mundo, aberto às transformações, que a realidade mesma lhe propõe. Ele tem sido muito explícito sobre sua própria transformação pessoal a partir do vínculo com as comunidades indígenas, com a cultura indígena maia predominantemente. Mas, seria um erro crer que a estrutura política do EZLN seria explicável somente a partir da pessoa do subcomandante Marcos. Não é assim. Marcos tem sido muito claro ao dizer que a responsabilidade política corresponde às comunidades e a responsabilidade militar somente aos quadros militares. Ele nunca tem negado que constitui a cabeça militar do EZLN, mas nunca disse nem sugeriu que seja a cabeça, nem a razão de ser da própria força cultural e coesiva das comunidades indígenas.

**IHU On-Line- Qual o papel das universidades em todo esse contexto mundial? Que mensagem daria à Unisinos, universidade na qual será lida esta entrevista?**

**Carlos Montemayor**- A mensagem que, como universitário, eu poderia dizer à Unisinos é a defesa do conhecimento humano como patrimônio da humanidade. A globalização pretende converter o conhecimento numa patente comercial, numa patente de tecnologia, uma mercadoria ou segredo das empresas transnacionais. A universidade deve seguir sendo o símbolo de que o conhecimento humano é para a humanidade mesma e não para mero benefício de empresas privadas.

## Propomos um governo de trabalhadores

### Entrevista com Miguel Vittone

*Os piqueteiros argentinos constituem um novo tipo de movimento político, que conseguiu colocar na agenda não somente ações inovadoras de desobediência e de resistência, mas também de práticas políticas baseadas na democracia direta, na autogestão e na autonomia. Trata-se de um sujeito político que, longe de ser unitário, faz da luta contra a atomização e a exclusão social um instrumento para o reconhecimento de uma identidade múltipla, plural e híbrida. Eles são formados por redes que, em face do vazio do poder do Estado e contrariando as previsões apocalípticas, têm definido espaços plenos de poder, onde "o novo" tem a capacidade de criar as dinâmicas políticas e sociais efetivamente constituintes.*

**IHU On-Line** já entrevistou Jorge Ceballos, membro do grupo piqueteiro Bairros em pé, na edição nº 57, de 28 de abril de 2003. Para a presente edição, conversamos por telefone com Miguel Vittone, membro da direção Nacional do Movimento dos Piqueteiros e do Pólo Operário (que integra o Movimento Piqueteiro). Miguel, que é oficial torneiro metalúrgico e uns dos dirigentes do Partido Operário, representa uma das posições políticas que integram os piqueteiros. Ele considera o FSM reformista e reivindica a construção de um programa político genuinamente operário.

**IHU On-Line - Como o movimento ao que o senhor pertence e os piqueteiros no geral acompanharam as edições do Fórum Social Mundial acontecidas até o momento?**

**Miguel Vittone** - Embora o Fórum seja apresentado como de "esquerda", e a própria esquerda mundial o apresente como uma alternativa internacional ao "neoliberalismo", não é possível considerar o FSM como um evento de esquerda em nenhum sentido. Participaram dele muitos representantes de governos de direita. Nós, portanto, não temos vinculação com o FSM.

**IHU On-Line - O movimento, no geral, tem diversas posições em relação ao FSM?**

**Miguel Vittone** - Sim, os piqueteiros não só têm diferentes posições em relação ao Fórum Social Mundial, mas também frente ao Governo Kirchner, aqui na Argentina, ou frente ao Governo Lula, no Brasil ou frente ao Governo de Chávez, na Venezuela. Nós somos muito críticos dos governos de Lula e Kirchner. Pensamos que são governos capitalistas continuistas, que ambos estão pagando religiosamente a dívida externa e são, portanto, governos antioperários.

**IHU On-Line - Fora desse afastamento do Pólo Operário, os piqueteiros no geral constataam alguma influência do FSM nas esquerdas tradicionais?**

**Miguel Vittone** - As mobilizações antiglobalizadoras tendem a diluir-se diante da falta de um programa realmente independente da classe explorada. O FSM propõe a redistribuição da riqueza e desse ponto de vista acabam propondo reformas ao regime capitalista que está numa crise mundial tremenda, como demonstra a recente quebra da Parmalat, ou o fato de que a classe operária francesa está a caminho de ser piqueteira. O FSM não tem um programa de independência política de acordo com as necessidades da massa.

**IHU On-Line - Qual é sua visão da esquerda atualmente? Podemos ainda falar de diferenças nítidas entre esquerda e direita?**

**Miguel Vittone** - Se não há uma diferença tão nítida entre a esquerda e a direita, não é por responsabilidade das massas, e sim pela responsabilidade dos partidos, e da miopia da maioria dos partidos políticos de América Latina frente a governos como o de Lula ou de Kirchner. Há muitos partidos de esquerda que, em lugar de caracterizar rapidamente esses governos como capitalistas, têm silenciado ou se incorporado a ele.

***IHU On-Line - Os movimentos de massa seriam a nova esquerda?***

**Miguel Vittone** - Não. É uma nova representação política da classe operária que terá que redundar na construção de um partido da classe operária. A experiência tem demonstrado que é um partido quem deve acaudilhar as massas à conquista do poder político. Essa é a nossa posição, do Pólo Operário. Há diferenças entre os piqueteiros.

***IHU On-Line - Não estariam sendo reproduzidas as fracassadas formas tradicionais de mudar a sociedade?***

**Miguel Vittone** – Não, se for um partido diferente, realmente revolucionário, da classe operária, com um programa de reivindicações que estendam uma ponte entre a consciência dos trabalhadores e a construção de uma sociedade socialista. Por exemplo, a nacionalização dos bancos e o controle operário da produção não é uma reivindicação que esteja atualmente no programa de qualquer partido de esquerda ou de qualquer movimento sindical.

***IHU On-Line - Que há em comum entre os piqueteiros?***

**Miguel Vittone** - O movimento piqueteiro é uma força revolucionária. Não tentamos nos apresentar nos meios de comunicação, diante da sociedade, do governo, da burguesia, como representantes dos desocupados. Nada mais distante que isso. O movimento piqueteiro é filho legítimo da classe operária e, portanto, é a consciência que tem os trabalhadores do povo argentino da situação que estamos vivendo e de qual é a saída que devemos buscar. Para nós a saída leva a um governo de trabalhadores, aponta para a nacionalização dos bancos e para o comércio sob o controle dos operários, aponta para o estabelecimento de um salário igual ao da cesta básica, à redução da jornada de trabalho, para a expropriação e privatização das grandes empresas e para a colocação da produção sob o controle operário. Propomos um governo de trabalhadores.

***IHU On-Line- No Brasil, temos um trabalhador no poder...***

**Miguel Vittone** - Não, não! O nosso é um programa da classe operária acima das pessoas. No Brasil, governa um operário com um programa capitalista. É um governo dos banqueiros e da bolsa, não é da classe operária, por mais que vista um macacão.

***IHU On-Line - Autores como Hardt, Negri e Holloway citam, em seus livros, o Movimento dos Piqueteiros como exemplos de mudança social. Como vocês se vêem?***

**Miguel Vittone** - Neste momento, na Argentina, somos a oposição política do governo. Isso não implica que nos transformemos automaticamente em partido. As massas vão ter que viver sua própria experiência na criação de partidos operários.

***IHU On-Line - No ano passado, em entrevista a IHU On-Line, um piqueteiro do agrupamento Bairros em Pé explicava o lema “que se vayan todos”, dizendo que era importante que saíssem todos os que estão no poder para dar lugar a outros. Como você vê isso, sendo que essa entrevista foi realizada antes das últimas eleições argentinas?***

**Miguel Vittone** - A idéia era a de que se vá o regime capitalista em seu conjunto. A corte suprema, o exército, a polícia, os partidos, o Congresso. Apontava o conjunto das instituições de um regime capitalista que não resolve o problema dos explorados e, portanto, é um regime condenado à morte. Essa frase revelava a consciência da massa Argentina de que tinha caducado um regime, não um governo. Nós denunciávamos que o regime não foi alterado pelo Governo Kirchner. Toda a autoridade política do Estado segue questionada permanentemente em mobilizações de massas que questionam os partidos patronais, a

corrente, a Justiça no geral, a polícia, o Congresso. Há panelaços, há piquetes, há greves, ou seja, não mudou absolutamente nada.

## **O FSM inspira as políticas públicas de esquerda**

### **Entrevista com Miguel Rossetto**

*Para o ministro Miguel Rossetto, do Desenvolvimento e Reforma Agrária, são meritórias, plurais e produtivas as contradições que envolvem os integrantes do Fórum Social Mundial. Elas transformam o FSM em um pólo formulador de teorias e estratégias, orientam e balizam as políticas públicas de esquerda e fortalecem o país nos embates internacionais. Ele vê muita semelhança entre as agendas do FSM e as metas do governo brasileiro.*

**IHU On-Line - O senhor. acompanhou as três edições do FSM, em Porto Alegre. Qual é a sua impressão geral a respeito desse evento?**

**Miguel Rossetto -** É a expressão de uma grande vitória de todos os setores militantes, de lutadores que resistiram muito especialmente durante toda a década de 1990 ao neoliberalismo, preservando uma visão generosa do mundo. O Fórum mostrou uma enorme capacidade de reunião, de organização, de tolerância, de convivência em um ambiente plural. pela sua dimensão, pela sua expressão social, sua legitimidade moral, política, se constitui num grande fato político do século XXI.

**IHU On-Line - De que maneira o senhor acha que esses fóruns têm influenciado a esquerda tradicional?**

**Miguel Rossetto -** O Fórum traz uma força da sociedade civil. Ele cria um pólo de formulação política, teórica, estratégica. Reúne todos os grandes temas, hoje, que devem articular uma estratégia de mudança. As questões sociais, econômicas, ambientais. Assume o campo dos direitos humanos com muita responsabilidade e coragem. São temas que envolvem um novo padrão de relações entre os povos. Tem coragem de enfrentar e de denunciar o tema da guerra. Portanto, o Fórum cria a base para a formação do conjunto de políticas públicas defendidas pelos partidos de esquerda, pelos movimentos sociais.

**IHU On-Line - Há quem afirme que se torna cada vez mais difícil diferenciar a direita e a esquerda. Como o senhor vê a esquerda, de maneira geral?**

**Miguel Rossetto -** Não é possível dizer que cada vez a esquerda e a direita estejam mais próximas. Continuam existindo os valores históricos de uma esquerda mundial, propulsora de um projeto definido. Ao contrário, hoje, em escala mundial há espaços para um programa de esquerda que incorpore e atualize as visões generosas do humanismo, da solidariedade, das questões ambientais. Quem é capaz de anunciar um futuro sustentável se não for num projeto de esquerda? Especialmente num período de guerra, de morte, de destruição, de ampliação da pobreza da miséria. No período como este que nós estamos vivendo, se cobrará cada vez mais nitidez um projeto alternativo.

**IHU On-Line - O senhor. pode identificar marcas claras das idéias do FSM na política do governo Lula, especialmente na sua política econômica?**

**Miguel Rossetto -** As grandes marcas do Fórum como expressão da sociedade civil, com a sua pluralidade, tem uma agenda, uma dinâmica que lhe são próprias. Suas agendas não são as mesmas agendas de um governo. Mas o Fórum, os debates na sociedade, animam as políticas que estamos construindo, como as políticas que buscam novas regras para o comércio internacional. Penso que o revide a essas iniciativas é um revide ao pensamento emanado pelo FSM. Além disso as questões ambientais, de gênero, de raça, são incorporadas com força na agenda de governo. Também as questões envolvendo segurança e soberania alimentar são fortes. O projeto de biosegurança que estamos discutindo, por exemplo, é um projeto que trata

de uma forma responsável e positiva, na minha opinião, com toda as precauções necessárias, as questões envolvendo a biotecnologia, especialmente a transgenia. Portanto, há um ambiente de solidariedade, de superação de toda a pobreza, de recuperação da igualdade, da pluralidade ética e cultural, inspirado também pelo Fórum, que eu penso que o governo incorpora com força, no seu primeiro ano.

***IHU On-Line*** – Uma liderança do Movimento dos Piqueteiros em entrevista a *IHU On-Line* nesta mesma edição criticou fortemente o governo argentino e o brasileiro. No caso de Lula, disse que não basta um operário estar no poder sem que haja um programa de nacionalização dos bancos e controle da produção pelos operários. Qual é a sua opinião sobre esse comentário?

**Miguel Rosseto** – Lula expressa uma história de lutas coletivas, de organização partidária, do PT, dos movimentos sociais brasileiros. Nós temos enormes desafios, sabemos que apenas iniciamos um processo e que temos tarefas enormes para protagonizar e sustentar um programa de desenvolvimento com justiça social. Estamos perseguindo e buscando uma correlação de forças que sustente esse programa.

***IHU On-Line*** – Como o senhor vê os novos movimentos como os zapatistas e os piqueteiros, apontados por Antonio Negri e Michael Hardt em seu livro *Império* como representantes do conceito de “multidão” e como movimentos que buscam formas de mudar a sociedade diferentes das usadas pelos partidos políticos e sindicatos?

**Miguel Rosseto** – Todos eles devem ser saudados como expressão forte e viva de setores sociais historicamente marginalizados, que não ocuparam papel na política. Movimentos como os Sem Terra no Brasil, como a Central Única dos Trabalhadores, que em outros momentos históricos cumpriram e cumprem um papel fundamental na construção de uma democracia real. Eu não acredito numa alternativa de poder, de hegemonia positiva sem uma agenda partidária forte. Isso me parece que é um grande debate que a esquerda deve fazer.

***IHU On-Line*** – Perguntamos ao professor John Holloway, nesta mesma edição de *IHU On-Line*, o que se pode esperar da esquerda no poder. Ele disse que é melhor um governo de esquerda que de direita, mas que a mudança já não passa pelo Estado. O senhor discorda?

**Miguel Rosseto** – Acho uma ingenuidade e um equívoco imaginar um processo de mudança real por fora de uma estrutura de estado. É o contrário: a estrutura do estado projeta uma capacidade de institucionalizar uma dimensão pública. Quem tentou substituir isso, na verdade, foi o neoliberalismo, transferindo relações de poder do espaço público para o espaço privado. O grande desafio é a reconstrução de um estado republicano com forte controle social e radicalmente democratizado. Não há esfera, na minha opinião, que substitua essa dimensão pública de uma estrutura estatal. É evidente que nós temos que democratizar, criar espaços públicos não estatais, mas não acredito num processo de mudanças sem uma estratégia clara e profunda de reforma desse aparelho de estado.

***IHU On-Line*** – O que deveria mudar na esquerda brasileira?

**Miguel Rosseto** – Eu penso que a esquerda brasileira vem experimentando, vem vivendo uma experiência gigantesca. A experiência de governar o Brasil tem uma dimensão histórica enorme, um país que não foi capaz ainda de completar um ciclo republicano, um ciclo federativo, um ciclo democrático. Penso que a questão fundamental é preservar aquilo que é o mais positivo da experiência da esquerda, especialmente a do PT: projetos partidários que preservem a democracia interna, projetos partidários que aceitem e estimulem a pluralidade interna do debate e que organizem uma nova relação das suas direções com a sua base e que tenham capacidade de produção programática e de política, com nitidez.

***IHU On-Line*** – O senhor não vai participar do Fórum da Índia, e em Porto Alegre, em 2005?

**Miguel Rosseto** – Não vou poder ir a Mumbai, mas teremos uma grande representação, eu não vou, obviamente, por conta das agendas do Ministério. Sobre Porto Alegre, tenho certeza que ele vai ser mais um passo importante na afirmação do nosso projeto e estarei lá.

**IHU On-Line – O senhor concorda que o Fórum é contraditório dentro dos seus componentes?**

**Miguel Rosseto** – Sim, e acho que isto é um valor. É impossível imaginarmos que frente às distintas realidades nacionais, às distintas urgências sociais, nós tenhamos uma capacidade de mobilização social a partir da idéia de um “programa máximo”, para usar uma expressão clássica. Esta é a sua grande qualidade e o seu grande desafio. Esse grande movimento tem uma carta de princípios, tem uma solidez programática, tem cor e deve continuar trabalhando, preservando a sua coloração, a sua nitidez, a sua cara e ao mesmo tempo preservando um ambiente de pluralidade de representações e de debates. Na verdade, estão sendo construídas sínteses, e essas sínteses, a partir do campo da esquerda, do campo democrático, obviamente, são construídas a partir de contraditórios. Essa é a virtude, o vigor, a força do FSM.

**IHU On-Line – Qual a sua avaliação pessoal do governo e do seu Ministério ao completar um ano de Governo?**

**Miguel Rosseto** – O governo tem plena consciência que apenas iniciou um trabalho. Sabe que a sua agenda prioritária para 2004/2005 é a geração de trabalho, emprego, de renda para o povo brasileiro. Essa é a questão fundamental, estratégica, decisiva para o nosso governo. No Ministério do Desenvolvimento Agrário, nós avançamos nas políticas agrícolas para a agricultura familiar, expandimos e democratizamos o acesso ao crédito. Estamos recuperando o sistema de assistência técnica e extensão rural. Avançamos em relação à conformação de um Plano Nacional de Reforma Agrária para assentar 530 mil famílias até o quarto ano do governo Lula e gerar dois milhões de postos de trabalho.

## DESTAQUES DA SEMANA

### Livro da Semana

**Spoto, Donald. *Francisco de Assis: O santo relutante*. Tradução de S. Duarte.**

**Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, 351 páginas.**

**Título original: *Reluctant saint: the life of Francis of Assisi***

*A editoria Livro da Semana traz, nessa edição, a obra de Donald Spoto, Francisco de Assis: O santo relutante. Reproduzimos as orelhas e a introdução do livro, que foi publicado no ano passado, no Rio de Janeiro, pela Editora Objetiva.*

*É oportuno lembrar a referência que, sobre São Francisco, fazem os autores Michael Hardt – Antonio Negri, no livro, Império, Rio de Janeiro: Record, 2001, 501p. Eles terminam o livro com uma referência a São Francisco, porque ele encarna a figura do militante dos novos tempos. “Francisco de Assis, em oposição ao capitalismo nascente recusava toda disciplina instrumental; em oposição à mortificação da carne ele propunha uma vida alegre, incluindo todos os seres e toda a natureza, os animais, ‘irmã lua’, ‘irmão sol’, os pássaros do campo, os homens pobres e explorados – todos juntos contra a vontade de poder e de corrupção. Na pós-modernidade, nós nos reencontramos na situação de Francisco de Assis, opondo à miséria do poder a alegria de ser. É uma revolução que nenhum poder controlará – porque o biopoder e o comunismo, a cooperação e a revolução permanecem juntas, em todo amor, toda simplicidade e toda inocência. Tais são a irrepreensível clareza e a irrepreensível alegria de ser comunista”. (Império, p.437)*

**Donald Spoto** é membro da diretoria das organizações *Human Rights Watch*, *Death Penalty Focus* e *Youth Law Center*. *Francisco de Assis: O santo relutante* é o décimo nono livro de Donald Spoto. O autor obteve um grau de bacharel *summa cum laude* em grego e latim no Colégio Iona. Recebeu, em seguida, diplomas de mestrado e doutorado em Teologia na Universidade Fordham, onde se concentrou em estudos sobre o Novo Testamento. Ensinou teologia e religião em nível universitário durante muitos anos antes de dedicar-se exclusivamente a escrever. Publicou biografias de sucesso internacional, por exemplo, as de Alfred Hitchcock, Tennessee Williams, Laurence Olivier, Ingrid Bergman e Jacqueline Kennedy Onassis, todas traduzidas em muitas línguas no exterior. A revista *Publishers Weekly* observou, a respeito de seu livro *The Hidden Jesus: A New Life (O Jesus Oculto: uma Nova Biografia)*: “Spoto mescla com agudeza a crítica literária, a pesquisa histórica e a erudição teológica, tecendo a história da vida e obra da figura mais duradoura da história, e escrevendo com impressionante clareza e ritmo”. O jornal *Toronto Star* resumiu o consenso da crítica sobre o livro, denominando-o “sem dúvida a melhor vida de Cristo aparecida há muitos anos”. Os trechos destacados são de IHU On-Line.

Rico aventureiro, filho indisciplinado, rebelde, soldado, pregador itinerante, defensor dos pobres, místico, ambientalista precursor, amigo dos animais: durante quase um século, nenhuma outra figura de santo impressionou tanto o mundo quanto Francisco de Assis. Para muitos, a própria idéia de “santo” é a do asceta pregador e esquelético, vestido com um simples hábito marrom e conversando com pássaros ou tornando manso um lobo selvagem.

No entanto, grande parte do que viemos a saber sobre Francisco é, na verdade, produto de lendas e da acumulação de centenas de anos de iconografia piedosa, de tal maneira que esse homem extraordinário ficou oculto por sua própria imagem.

Em *Francisco de Assis: O santo relutante*, Donald Spoto, biógrafo e teólogo de sucesso internacional, lança nova luz sobre Francisco, desde sua epifania espiritual diante de um crucifixo numa pequena igreja rural da Úmbria, até os fracassos e amargas decepções de seus últimos anos. É a biografia marcante de um homem de quem realmente se pode dizer que mudou o curso da história.

## Introdução

Há quase 40 anos, os tradutores de uma biografia de Francisco de Assis resolveram contar os livros e artigos que o autor francês havia consultado. A contagem final foi de um total de 1.575 obras em quatro idiomas. Até essa época, e depois dela também, nenhum santo foi objeto de tanta atenção de parte de historiadores e biógrafos.

No século passado, porém, os livros mais importantes sobre Francisco – os de Sabatier (1906), Jørgensen (1912), Fortini (1959) e Engelbert (1965) padeciam de importantes limitações. Depois dessas publicações, houve descobertas em diversos campos, especialmente as decorrentes de estudos franciscanos a partir de 1990, que tiveram grande significação e afetam diretamente nosso entendimento da época e dos acontecimentos da vida de Francisco. Curiosamente, tanto quanto eu saiba, nenhum escritor levou em conta esses estudos nem ampliou seu alcance em uma biografia atualizada e completa. Daí a razão do presente livro.

No início de minha pesquisa, examinei rapidamente cerca de 350 artigos em cinco línguas, que abrangiam somente as contribuições da última década – obras de arquivística no campo da história medieval, biografia, medicina e educação, anais de arte e estudos literários, lingüísticos e arqueológicos. À medida que minha investigação se expandia para incluir as contribuições de autores anteriores a 1990, crescia minha convicção da necessidade de uma nova biografia de Francisco para o leitor não especialista.

A princípio, pareceu-me esmagador o próprio volume da matéria nova, além dos dados que continuam a aparecer a cada mês. Com efeito, existiam tantos livros e artigos importantes de autoria de homens e

mulheres eruditos, que quase me desesperarei nos primeiros meses de minha pesquisa. Por exemplo, havia fontes de informação sobre pormenores da avaliação de manuscritos da Idade Média; sobre a economia medieval; sobre a história das Cruzadas; sobre as crônicas da comunidade de Assis; sobre os primeiros anos de Francisco; sobre suas enfermidades e a tradição dos estigmas e sobre os problemas do estudo de comentários que, em certos casos, têm mais de 800 anos de idade.

Hoje em dia, há estudos eruditos provenientes de muitos lugares, de professores e arquivistas da Itália, Alemanha, França e Estados Unidos e de colaboradores da Espanha, Holanda e Brasil. Nos Estados Unidos, em 2001, um trio de editores, que utilizaram 16 tradutores, oito consultores e nove assistentes técnicos, publicou o último de três volumes de literatura medieval sobre Francisco. Esses grossos tomos contêm 2.362 páginas.

Continuei meu trabalho pela única razão de que, após havê-lo iniciado, sentia-me incuravelmente curioso. No que toca, por exemplo, aos escritos e cartas do próprio Francisco, houve descobertas importantes que estão notavelmente ausentes das obras recentes. Embora não se tratasse de um intelectual, e na verdade tivesse pouca educação formal, Francisco era um poeta nato e irremediável cantor. Escreveu em latim medieval e em italiano da região da Umbria, e tanto quanto sabemos foi o compositor da primeira canção em italiano. Esse é um dos aspectos que têm recebido muito pouca atenção.

Para começarmos a conhecer Francisco, precisamos procurar olhá-lo tanto quanto possível, além de nossos preconceitos modernos; em outras palavras, temos de vê-lo como um italiano medieval, um homem cujo entendimento específico da realidade diferia do nosso, e até mesmo a ele se opunha, em muitos aspectos importantes. Para isso, é necessário enfrentar diversos desafios, devidos não somente ao fato de que Francisco morreu há quase 800 anos. Um dos problemas é a dificuldade de fixação de datas, pois até quase 1890 não existia um método padronizado para medir o tempo. Somente nessa época a maior parte (mas não a totalidade) do chamado mundo desenvolvido concordou em que o dia se iniciava à meia-noite, em contar as horas a partir de pontos situados no meridiano de Greenwich, na Inglaterra, e na Linha Internacional de Data, criada arbitrariamente.

O problema da contagem do tempo suscita também certo número de dilemas históricos e literários que nos transportam de volta ao século XIII. Naquela época, os relatos testemunhais sobre vidas individuais não eram organizados de maneira cronológica, e sim temática, e as narrativas sobre os santos eram escritas com objetivos de edificação, a fim de autenticar a santidade ou estimular a devoção. Hoje em dia, pensamos que a investigação biográfica deve ser tão objetiva quanto possível e deve preocupar-se somente com dados empíricos, mas tais restrições não existiam em séculos anteriores. Nessas épocas, o exagero e a ornamentação da realidade não eram considerados como uma licença concedida à ficção ou como falsa representação, e sim como instrumentos básicos da hagiografia, isto é, a história dos santos.

O fenômeno Francisco também padece de algumas lendas há muito estabelecidas, frequentemente baseadas em idéias românticas sobre a era dos castelos, cavaleiros andantes, damas medievais e honra cavaleiresca, coisas mais adequadas às páginas de manuscritos com iluminuras ou a filmes de Hollywood e que não correspondem à vida real.

Da mesma forma, os vocabulários dos santos e daqueles que escreveram e escrevem sobre eles, muitas vezes refletem épocas nas quais existiam certos pressupostos relativos à supremacia institucional, com auto-referências quase íntimas. Isso se torna especialmente evidente a partir de 1234, quando o papa Gregório IX decretou que somente os papas tinham autoridade para canonizar. Antes disso, os santos eram escolhidos em bases locais, por aclamação do povo e em geral com endosso de seus bispos. (Na verdade, foi Gregório quem canonizou seu velho amigo de Assis em 1228, menos de dois anos após a morte de Francisco.)

Precisamos não apenas de uma metodologia erudita, mas também de um processo de intuição e discernimento que nos permita isolar alguns dos fatos ocultos sob as formas antigas. Desde o século XIX, por exemplo, é axiomático que os autores do Novo Testamento escreveram para pessoas que se encontravam em situações críticas após a época de Jesus de Nazaré: gente que buscava o sentido da fé, que enfrentava o ostracismo político e jurídico, e que lutava com divisões internas. Em outras palavras, os

quatro evangelhos respondiam a necessidades da comunidade à luz da crença na presença contínua do Cristo Ressuscitado.

Aqueles que escreveram sobre Francisco de Assis, tinham objetivo semelhante e utilizaram as formas literárias de seu tempo para apresentar a verdade tal como a percebiam. Assim como devemos estudar cuidadosamente a Bíblia a fim de compreender a intenção de seus autores no contexto de sua própria língua e dentro das limitações de sua época, também devemos ter a mesma cautela ao examinar as primeiras biografias de Francisco.

Mais de uma dúzia de relatos sobre a vida dele circularam durante o primeiro século seguinte a sua canonização, e qualquer pessoa que hoje em dia pretenda escrever sua biografia terá de levar em conta o valor diferenciado dessas fontes, sua credibilidade, o grau de sua interdependência mútua e a motivação de sua composição.

Em termos gerais, tão logo Francisco foi canonizado declarou-se um processo de idealização. A primeira biografia mais difundida, por exemplo – a do frade franciscano Tomás de Celano, que conhecera pessoalmente o biografado e cuja primeira obra sobre a vida de Francisco apareceu em 1229 ou 1230 –, objetivava visivelmente não apenas homenagear um santo, mas também promover a Ordem que supostamente ele pretendia fundar.

Esse era mais ainda o objetivo de Giovanni da Fidanza, grande filósofo, teólogo e místico, mais conhecido como São Boaventura. Seus colegas franciscanos o encarregaram de glorificar a Ordem, escrevendo a biografia oficial de Francisco. Após ler outros relatos e entrevistar muitas pessoas, ele produziu um livro notável, sem dúvida altamente imaginativo e piedoso, mas obra cuja agenda política tem de ser vista com extrema cautela. Como nos aconselha Octaviano Schmucki, um dos grandes estudiosos franciscanos do século XX, e devotado frade, temos de ter cuidado com “a falta geral de confiabilidade de Boaventura no tratamento de dados históricos”. Sob a superfície da obra de Boaventura, podemos perceber as ferozes disputas que sacudiam a época, não apenas no seio da Ordem Franciscana, mas também entre facções internas de outros grupos da Igreja.

Depois que Boaventura terminou seu trabalho, cerca de 40 anos após a morte de Francisco, os franciscanos ordenaram a destruição de tudo o que se escrevera anteriormente sobre o santo – inclusive os escritos dos amigos mais íntimos do fundador. Felizmente, essas ordens jamais foram executadas integralmente, pois numerosos relatos anteriores ao de Boaventura foram poupados. Ainda hoje prosseguem os estudos desses manuscritos, e eu procurei levar em conta a maior parte do que existe sobre o assunto até o ano de 2001. A seção de Notas, ao final desse volume, fornece detalhes sobre essas fontes.

No que respeita aos escritos do próprio Francisco, também chegaram até nós cerca de três dúzias de documentos. Muitas vezes, é impossível datar com exatidão essas exortações, cartas dirigidas a grupos ou a indivíduos, preces ou cânticos, e é igualmente difícil saber as precisas circunstâncias de sua composição. Em lugar de elaborar os pontos do debate erudito sobre esse tema, espero não haver traído o espírito do autor ao utilizar esses escritos originais, na medida em que são relevantes para um estágio específico de sua vida. Também aí as Notas procuram guiar o leitor através desse emaranhado histórico.

No entanto, acima e além dessas considerações acadêmicas, permanece a questão que melhor define esse homem, a mais problemática para os leitores modernos: não se trata do senhor Francesco Bernardone, mas de São Francisco de Assis. Se o tratarmos como se tivesse sido simplesmente um pregador itinerante da Idade Média, um ecologista precoce, um amigo dos animais ou um rebelde social, estaremos errando o alvo. Assim como seria impossível escrever uma biografia de Thomas Jefferson sem levar em conta sua paixão pela política e pela história do século XVIII, um relato da vida de Francisco tem de aceitar com absoluta seriedade o fato de que ele acreditava num Deus pessoal e amoroso.

Francisco nasceu em 1182 e morreu em 1226, aos 44 anos. Hoje em dia, acharíamos que desapareceu no apogeu; naquela época, era considerado afortunado por ter vivido tanto tempo. Dois anos após sua morte, foi proclamado santo. A canonização por decreto pode ser uma forma astuciosa de apropriar-se de pessoas notáveis, domesticá-las e isolá-las, transformando-as em propriedade do catolicismo oficial. Francisco, porém, continua a ser, de certa forma, maravilhosamente embaraçoso para a Igreja e para o mundo. Sua vida e seu

exemplo – e não, devo frisar, qualquer coisa especificamente que ele tenha dito ou escrito – possuem uma integridade que desafia nossos preconceitos sobre o que constitui uma vida de virtude, sem falar de uma forma respeitável de encarar a religião.

Como muito poucas das categorias tradicionais de santidade parecem impressionar as pessoas hoje em dia, ofereço, neste livro, algumas idéias experimentais e preliminares que conduzem a um novo entendimento da conversão e da natureza da autêntica santidade. Com o tempo, conceitos anteriores se tornaram demasiadamente rarefeitos, ligados a uma idéia quase absurda de perfeição e negação da qualidade humana. Francisco, ao contrário, me parece ser um dos mais humanos e necessários entre os santos. Foi também um dos que mais relutaram em empreender uma jornada espiritual – daí o título que escolhi.

Penso ser de crucial importância procurar realçar a humanidade de Francisco, que pouco se interessava em tornar-se santo, e muito menos em ser chamado assim. Na verdade, sua vida corrobora o fato de que a santidade não exige necessariamente que uma pessoa negue sua humanidade, ou acrescente alguma coisa a ela. A santidade pode até mesmo ser a mais profunda realização daquilo que é autenticamente humano.

Nesse ponto, nos aproximamos do mistério cristão da Encarnação.

Francisco deixou sua marca na arte, na literatura e na história da civilização ocidental, a começar por Dante, que nasceu 40 anos após sua morte e que dedicou a Francisco quase a totalidade de um dos cantos da *Commedia*. Não é exagero dizer que todas as expressões italianas subseqüentes de cultura religiosa devem algo a Francisco, desde os afrescos de Cimabue e Giotto até os filmes de Vittorio de Sica e Federico Fellini, que estão impregnados de uma profunda sensibilidade franciscana.

Fora da Itália, a chamada Oração de São Francisco (“Senhor, fazei de mim um instrumento de Vossa paz...”) captou com amor o espírito de Francisco em termos e em tempos modernos; seu autor, um aristocrata católico francês, que a compôs durante a Primeira Guerra Mundial, compreendeu com clareza a importância de Francisco como fator de paz e defensor dos desprezados e marginalizados. E em 1983, o grande compositor francês Olivier Messiaen terminou sua ópera *Saint François d’Assise*, cuja primeira apresentação nos Estados Unidos coincidiu exatamente com a publicação deste livro.

No sudoeste dos Estados Unidos, e especialmente na Califórnia, é impossível escapar à influência das missões franciscanas originais, tanto na arte quanto na arquitetura e em nomes diretamente ligados a sua vida: Santa Clara e Santa Cruz, por exemplo, e evidentemente a cidade de São Francisco. O nome original da cidade de onde venho, Los Angeles, nada mais é do que uma abreviatura do nome formal que lhe foi dado pelos primeiros colonos: Nuestra Señora la Reyna de los Angeles de Porciúncula – Nossa Senhora Rainha dos Anjos da Porciúncula, que é o nome do lugar, vizinho a Assis, mais identificado com Francisco, e também o lugar de sua morte.

Francisco deu ao mundo uma vida de simplicidade radical, desvinculada de quaisquer posses e portanto livre para seguir os acenos da graça e o caminho que leva a Deus, a qualquer momento e em qualquer lugar em que Deus o chamasse. Seu espírito possuía excepcional espontaneidade: corria ao encontro das necessidades alheias, assim como se apressava em chegar até Deus, que continuamente o convidava a novas aventuras.

Francisco não era um teórico da vida espiritual. Jamais falava de Deus a não ser em termos de experiência, porque era testemunha de um Deus vivo e atuante. Falava somente daquilo que conhecia, ouvia e sentia. Nesse particular, nós o vemos, ao longo dos séculos, como exemplo do que Deus é capaz de fazer, isto é, principalmente maravilhar-nos, alterar radicalmente a maneira pela qual vivemos e agimos. Nos trechos dramáticos de sua própria vida, e na forma pela qual um *playboy* simpático, mas um tanto vazio se transformou em modelo de servidor do mundo, ele revelou a presença de Deus no tempo e na história. Em outras palavras, sua credibilidade é grande por haver ele demonstrado que nosso melhor momento acontece, quando ousamos permitir que Deus penetre em nossas vidas.

Os extremos da vida de Francisco, durante os quais ele passou de *playboy* a penitente, e de pobre a santo, revelam um indivíduo que se colocou à margem do mundo. Em sua identificação com aqueles que a sociedade polida rejeita, Francisco questionou a insensatez de confiar no dinheiro, nos bens e coisas materiais em busca da felicidade. Sua figura atrai praticamente a todos, provavelmente porque (ao contrário

da maioria dos santos) ele não é propriedade da Igreja Católica Romana. Sua primeira grande biografia moderna foi escrita por um protestante francês; um dos mais importantes historiadores do franciscanismo foi um bispo anglicano; um ortodoxo grego é autor de um vigoroso romance sobre sua vida; e para ser fotografado em uma conferência de paz em Assis, o Dalai Lama quis sentar-se no lugar que Francisco mais amava, e no qual morreu.

Grande parte da vida dessa homem permanece obscura e ambígua, mas há algo indubitável: na segunda metade de sua existência, a presença de Deus o deslumbrava, até mesmo quando mais agudamente sofria os males de grave doença, a cegueira e a perda de suas mais caras esperanças. De certa forma, sua vida, às vezes, parece (mas somente parece) uma prolongada luta contra a futilidade. Creio que essa é a chave para compreendê-lo.

*O Santo Relutante* foi escrito a partir da perspectiva do autor, para quem a fé consiste principalmente em uma atitude diante da realidade. Em última análise, foi isso o que me levou a Francisco de Assis – o fato de que ele entendia sua jornada em direção a Deus como um processo, um constante aprofundamento e ajuste de suas aspirações, um refinamento do que ele presumia ser a vontade de Deus e um aperfeiçoamento de suas próprias boas intenções. Nesse sentido, sua conversão não foi um acontecimento de um único dia, mas sim a obra de toda uma vida.

Após tantos séculos, essa pode ser a razão pela qual tanta gente considera sua vida ao mesmo tempo comovente e pertinente. Francisco tinha uma percepção muito clara de si mesmo, e compreendia ainda melhor quem era Deus.

## Artigos da Semana

### O governo somos nós

Por Contardo Calligaris

*Contardo Calligaris, psicanalista, é autor do artigo que reproduzimos a seguir, e que foi publicado no jornal Folha de S. Paulo, em 28 de dezembro de 2003. O texto, intitulado O governo somos nós, fala sobre o governo Lula. O autor é doutor em psicopatologia clínica. Formou-se em Epistemologia na Universidade de Genebra (Suíça). Em Paris, fez sua primeira pós-graduação (“Diplôme d’Études Approfondies”) em Semiologia, com Roland Barthes. É membro da direção da “Association Freudienne Internationale” e da Fundação Européia para a Psicanálise, da Associação Psicanalítica de Porto Alegre e do Conselho de Administração da “Boston Graduate School of Psychoanalysis”. Calligaris escreveu sete livros, dos quais citamos Hello Brasil, Notas de um Psicanalista Europeu viajando ao Brasil (São Paulo: Escuta, 1991) e Crônicas do Individualismo Cotidiano (São Paulo: Ática, 1996). De Contardo Calligaris, publicamos um artigo na edição número 43, de 18 de novembro de 2002, intitulado Suzane: Pano de Fundo, outro na edição número 38, de 7 de outubro de 2002, com o título Vida Diet, Lula Light, e uma entrevista feita pelo IHU On-Line na edição número 35, de 16 de setembro de 2002, que teve como título Pedofilia e Autoridade. Publicamos, também, de Calligaris, A Fantasia do Pedófilo na edição número 33, de 2 de setembro de 2002. Nas edições número 63, de 9 de junho de 2003, e número 78, de 6 de outubro de 2003, reproduzimos outros artigos do autor. O psicanalista esteve na Unisinos em 9 de setembro do ano passado, ministrando a palestra intitulada O que quer o pedófilo? num evento promovido pelo IHU e o Laboratório de Filosofia e Psicanálise do PPG em Filosofia do Centro de Ciências Humanas da Unisinos.*

Acabou o primeiro ano do novo governo, e quase ninguém está satisfeito com a situação do país. No entanto, fato curioso, o governo mantém o mesmo índice de aprovação do primeiro trimestre.

Certo, a gestão é criticada, mas a forma básica de grande parte das críticas recorrentes é peculiar. Numa estranha frente unida (que vai da esquerda militante até a direita conservadora, incluindo os que aprovam a gestão), muitos acusam o governo de não fazer o que ele se propunha fazer. Ou seja, apontando

contradições entre o espírito do projeto e a realidade da política econômica e social, essas críticas não adotam a forma usual: "Vocês não fazem o que nós gostaríamos". Mas afirmam: "Vocês não fazem o que vocês mesmos gostariam".

O sentido das queixas é diferente segundo a proveniência. Por exemplo, a extrema esquerda exige uma fidelidade absoluta à promessa de justiça social, a esquerda moderada pede apenas um maior respeito dessa promessa na hora dos compromissos necessários e os conservadores agitam a contradição entre promessa e realidade para desacreditar o governo ("Eles enganaram vocês: dobram-se às necessidades do neoliberalismo pior que a gente e distribuem ilusões como pães quentes"). Mas, além das diferenças, a forma é a mesma. O governo não é acusado de defender interesses escusos que tornariam nossa vida miserável.

Ele é acusado de ser, de alguma forma, infiel a si mesmo. Nisso, as ditas críticas ao governo federal se parecem com nossa autocrítica mais banal.

Afinal, somos constantemente divididos entre uma aventureira vontade de mudança e escolhas conformistas que são as nossas, mas que nos frustram e com as quais não concordamos. Ou, então, entre grandes princípios nos quais acreditamos firmemente e comportamentos que adotamos (com uma certa vergonha) para proteger nossos interesses.

Quero justiça social já, mas não sou nenhum São Francisco, e a simples redistribuição não resolveria nada. Quero reforma agrária já, mas meu sítio é produtivo e, de qualquer forma, não basta assentar famílias; seria preciso criar uma rede de cooperativas, e isso é complicado.

Quero uma sociedade igualitária, mas três salários mínimos para a faxineira não tem como; se eu for obrigado a dispensar seus serviços, não vai ser pior?

Para explicar a dissonância entre nossos anseios e nossa realidade, acusamos a dureza impiedosa do mundo: gostaríamos de ser generosos e revolucionários, mas, se fôssemos, a realidade nos atropelaria. A desculpa não é maquiavélica. De fato, o mundo não é mole: ele nos força a desistir do que nos parece certo e racional em favor do que é apenas razoável.

Em geral, agüentamos os compromissos aos quais nos resignamos graças a um reforço retórico, a uma dose extra de declarações de intenções e de princípios.

Somos todos (ou quase) José Dirceu ou Palocci na hora dos apertos do fim do mês. Somos todos (ou quase) Lula na hora de declarar guerra à fome ou ao desemprego e de chorar evocando o homem do lixão que come melancia descartada.

Exatamente como o governo, quando apresentamos nossa face ao mundo (e a nós mesmos), esquecemos nosso pragmatismo (ele nos é imposto, não é bem "nosso") e nos imaginamos e proclamamos grandiosamente generosos, embora impedidos.

A oscilação entre entusiasmos revoltados e inércia conformista é uma herança de nossa adolescência. Tivemos que decidir (e talvez estejamos eternamente decidindo) se, para nos tornarmos adultos, é melhor imitar os genitores, sacrificando nossa individualidade, ou contrariá-los, encontrando a prova de nossa autonomia na decepção e no desespero dos pais.

A solução mais popular consiste em tomar o caminho de uma "normalidade" que nos garante algum conforto e que corrigimos com sobressaltos de rebeldia espetacular.

Por exemplo, estudo, sei lá, direito constitucional, mas, à noite, saio na balada com os Gaddafis da vida. Por mais que estejamos infelizes com a situação, o governo atual nos satisfaz, não por suas realizações, mas porque ele encena nossas próprias contradições.

É um conforto constatar que as mulheres e os homens que elegemos se dobram às mesmas necessidades que nós acusamos de frear nossos impulsos generosos e libertários.

Claro, a contradição não nos deixa tranquilos. Na hora dos compromissos, somos atormentados pela voz da consciência. Talvez por isso surja uma simpatia quase unânime (inclusive nas fileiras da direita) pelos excluídos e demissionários do PT.

Aproveitamo-nos dessa ocasião para tomar as dores de nossa parte rebelde. Podemos torcer por nossas Heloíças Helenas e nossos Gabeiras internos sem risco algum, pois o governo (e não nós) se encarrega de silenciá-los e, portanto, leva a culpa.

A mesmice social-democrata não satisfazia nossos anseios radicais de mudança e de justiça. Um regime que seguisse só esses anseios seria provavelmente catastrófico.

O governo do PT inventa uma nova fórmula, adequada à nossa divisão subjetiva: a social democracia neoliberal com retórica radical da esperança.

Estamos insatisfeitos com o governo assim como estamos insatisfeitos com nossas próprias contradições. E o governo está próximo do povo como nunca, pois, pela felicidade da nação, ele é nosso retrato.

## Ex-petista vê Lula como "um FHC sem o real"

### Entrevista com César Benjamin

*Em entrevista concedida ao jornal **Folha de S. Paulo**, em 28 de dezembro de 2003, o fundador do PT, César Benjamin, diz que a conversão do partido agride a democracia e que o governo ergue um castelo de cartas. Benjamin fundou e foi dirigente do PT até 1995, porém, mantém a previsão apocalíptica para o partido, que, segundo ele, está imerso "na cultura do pragmatismo, do oportunismo e do individualismo". César Benjamin, editor da *Contraponto*, hoje coordena o *Movimento Consulta Popular* (fórum que reúne movimentos sociais) e crê que o setor terá uma posição ativa no jogo político em 2004. César Benjamin é autor de **A opção brasileira**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998. Dele, **IHU On-Line** publicou um artigo na 41ª edição, de 4 de novembro de 2002.*

**Folha - Como um dos fundadores do PT e um dos primeiros a apontar, no partido, mudanças de rumo, ainda em 1995, como o senhor avalia a saída dos chamados radicais? Haverá efeito de longo prazo? Haverá mudanças internas?**

**César Benjamin** - Primeiro vamos ler os sinais, como fazem os profetas. Delúbio Soares foi escolhido pela corrente majoritária do PT para defender, no Diretório Nacional, a expulsão da senadora Heloísa Helena. Na sua condição de eterno tesoureiro, Delúbio tem uma trajetória opaca. Exige-se dele apenas que seja capaz de levantar financiamentos, movimente-se de forma discreta e demonstre absoluta fidelidade aos chefes. Heloísa Helena é o contrário disso: extrovertida, sincera, independente, movida por ideais. É a cara da militância. Um sempre viveu na sombra, a outra sempre viveu na luz. Delúbio apontou seu dedo acusatório contra Heloísa em uma reunião que custou R\$ 150 mil, realizada em um hotel de luxo, cujo proprietário foi o principal sócio e avalista de Fernando Collor. Do ponto de vista simbólico, o que mais precisa ser dito? No terreno prático, tudo me parece patético. Pois, se prestarmos atenção ao que os chamados radicais do PT dizem, veremos que, em economia, eles pedem apenas que o capitalismo funcione: que a taxa de juros seja inferior aos ganhos na produção, que se criem condições para que os empresários contratem mais trabalhadores, que o Estado invista em infra-estrutura e serviços públicos e assim por diante. No máximo, desejam algumas reformas que os países desenvolvidos fizeram há muito tempo. Em política, eles também pedem pouco: que a democracia representativa seja respeitada, pois um regime representativo pressupõe uma relação de lealdade entre representante e representado. O PT agride e enfraquece a democracia brasileira, com conseqüências imprevisíveis a médio prazo, quando chega ao poder e muda subitamente todas as suas posições. Creio que deveríamos tentar entender por que pessoas que defendem coisas tão simples, atuam pacificamente e buscam manter a própria integridade, são chamadas de radicais no Brasil.

**Folha - Com a saída dos radicais, o movimento que se anuncia para formar um novo partido de esquerda [ou fortalecer o PSTU, dissidência dos intelectuais ligados ao PT e de outros petistas históricos], o senhor crê que o governo Lula terá uma oposição de esquerda?**

**Benjamin** - Terá oposição do povo brasileiro, pois não tem nada a oferecer a ele. Repetirá um ciclo que conhecemos bem, pela trajetória dos grupos que ocuparam antes a Presidência: instalam-se, deslumbram-se, pensam que vão ficar 20 anos e são defenestrados. Com seus cargos e verbas, com ampla margem de manobra para a prática do fisiologismo, o Executivo brasileiro é bastante forte quando se trata de premiar os amigos e punir os adversários. Anula com facilidade o Legislativo, compra a adesão dos meios de comunicação de massa, manipula cientificamente a enorme necessidade coletiva de manter acesa a esperança e assim por diante. Isso confere aos inquilinos recém-chegados ao Planalto a ilusão de que manejam um poder incontestável. Mas tudo é um castelo de cartas, pois vivemos em uma sociedade de massas imersa em profunda crise, e esse mesmo Estado é fraquíssimo como instrumento de transformação. Assim, a crise se repõe. Como a sociedade precisa ser ouvida de tempos em tempos, aquele superpoder se esvai. Fernando Henrique [Cardoso, presidente de 1995 a 2002] demorou mais, porque teve o enorme impulso do Plano Real. Lula tem sido um Fernando Henrique sem real, ou seja, nada.

**Folha** - No livro *As transformações do PT e os rumos da esquerda no Brasil*, o senhor diz que a liderança de Lula "poderá ser trágica" para o país. Por quê?

**Benjamin** - Ao chegar ao governo e aderir ao receituário conservador, o PT criou uma situação em que o povo e a nação se tornaram muito mais vulneráveis. Por um lado, desarticulou-se, pelo menos por um tempo, a capacidade de resistência da sociedade brasileira à agenda conservadora, pois essa capacidade estava grandemente depositada no próprio PT e nos movimentos que ele influencia. Por outro, como todo recém-convertido, o PT tem de assumir o novo credo com mais radicalidade do que os crentes tradicionais, cuja fé está acima de qualquer desconfiança. As sucessivas demonstrações de vassalagem do PT ao *establishment*, em busca de conquistar e manter a "credibilidade", custarão muito caro ao Brasil. Parece que o próximo passo será a concessão de autonomia legal ao Banco Central, operação que Celso Furtado classificou, com muita procedência, de "privatização do Banco Central". Teremos entrado, definitivamente, no terreno da alta traição aos interesses nacionais. Eu disse que a liderança de Lula poderá ser trágica também porque a crise do seu governo - ela me parece inevitável, mais cedo ou mais tarde - colocará o Brasil diante de uma situação perigosa. Taxas de mais de 20% de desemprego em grandes cidades sempre conduziram a crises sociais e políticas graves, com resultados incertos, muitas vezes dramáticos. Quando a esperança em Lula desmanchar-se, que restará ao povo brasileiro? De onde surgirá o aventureiro salvacionista? Ou será que estarão criadas as condições para congelar de vez o sistema de poder, com a adoção de um regime parlamentarista com Banco Central independente? Assim, o povo não elegeria mais o chefe do governo, e o governo, por sua vez, não poderia mais fazer política econômica. A blindagem estaria completa. Parece-me provável que o PT venha a ser cúmplice dessa operação. Como a crise social não seria resolvida, veríamos então surgir, no Brasil, os verdadeiros radicais.

**Folha** - O governo aposta na retomada do crescimento em 2004 para desviar da rota de crise de que o senhor fala, não?

**Benjamin** - O problema é justamente que estamos diante de mais uma aposta. É tão inconsistente quanto todas as que a antecederam. Há muitos anos, no Brasil, o crescimento ocorrerá no ano seguinte. Às vezes, algum crescimento ocorre, nem que seja por efeito estatístico ou inércia, no contexto do que os economistas chamam de *stop and go*. Crescemos 4% no ano 2000. E daí? Algum problema foi equacionado? Ao limitar sua utopia a prometer um soluço de crescimento do nosso capitalismo dependente, o governo Lula anuncia orgulhosamente sua própria mediocridade.

**Que alternativa pode haver a esse modelo que o senhor critica?**

**Benjamin** - O governo atual, como os anteriores, é escravo de uma macroeconomia do curto prazo que se nutre do próprio fracasso, pois essa macroeconomia se justifica pela necessidade de gerir uma crise que ela mesma ajuda a eternizar. Cria-se, assim, um moto perpétuo que não permite saída a partir de si mesmo. Ao contrário: o fracasso conduz os ideólogos à idéia de que é preciso fazer mais do mesmo, dobrar a aposta,

pois sempre faltou fazer alguma coisa. Na comunicação com as massas, essa ideologia reveste-se com o mito da travessia: precisamos purgar os pecados no presente para alcançar a terra prometida. Lula se comporta como uma espécie de Moisés de opereta, até porque, na travessia que propõe, nada sai do lugar. Essa lógica precisaria ser rompida de fora para dentro, por uma ação de natureza política que recolocasse a discussão sobre os fins da própria economia e sobre os fundamentos da nossa vida em sociedade. Só assim o problema da transformação qualitativa da sociedade - que é o problema de todos os socialistas, mesmo os mais moderados - poderia ser colocado. Num contexto de estímulo à participação, apareceriam inúmeras alternativas. Mas a credibilidade junto ao capital financeiro exige também um comportamento político desmobilizador. A adesão do PT ao discurso da falta de alternativas é constrangedora, pois torna inútil todo o esforço que fizemos para eleger o próprio Lula, e não outro qualquer. Por que ele se candidatou, então? O fatalismo, que sempre foi considerado um sinal de ignorância, converteu-se subitamente em um sinal de sapiência. Pior: adotando esse discurso, os novos dirigentes da nação fogem de sua responsabilidade. Os advogados sabem muito bem que uma decisão ou ação sem alternativas não está sujeita a julgamento. Tudo isso é uma operação ideológica primária, que só prospera em um ambiente de desmoralização do pensamento. A idéia de ausência de alternativas é sempre falsa, pois as possibilidades inscritas no real são sempre muito maiores do que o que está em via de realizar-se em um dado momento. Nenhum conjunto de opções preenche o campo do possível, nenhum é inevitável. A escolha que fazemos em cada momento é uma entre muitas e é responsabilidade nossa.

**Folha - Em "O Triunfo da Razão Cínica", artigo publicado na revista "Caros Amigos", o senhor declarou a morte do PT. Depois, pediu desculpas, mas não retirou as críticas. Afinal, o PT morreu?**

**Benjamin** - Fui dirigente do PT durante mais de 15 anos, num período em que tentamos construir um partido socialista, democrático e de massas. Fui embora depois da campanha de 1994, quando vi que o ovo da serpente estava incubado. De lá para cá, tudo piorou, com a ascensão fulminante dos Delúbios e a marginalização das Heloíças. Aquelas três características essenciais do nosso projeto desapareceram completamente da vida e do imaginário do PT. Por isso o partido está morrendo. Estamos assistindo ao fim de um ciclo de existência da esquerda brasileira, cuja crise é profundíssima. É uma crise de prática, pois a esquerda rompeu seus laços de convivência e solidariedade com o povo; é de valores, pois ela respira hoje a cultura do pragmatismo, do oportunismo e do individualismo; é de pensamento, pois nesse contexto perdem-se de vista os verdadeiros problemas e potencialidades da sociedade brasileira. Não se resolve isso pela criação de uma nova sigla, mas pela construção de novas práticas, valores e pensamentos, o que é um processo incomparavelmente mais difícil. Mesmo assim, muitas pessoas dedicam-se a preparar esse caminho há vários anos.

**Folha - O senhor dirige um fórum de movimentos sociais, outra base cara de apoiadores de Lula. Que papel esses movimentos terão?**

**Benjamin** - O governo está pendurado na popularidade pessoal de Lula, que, por sua vez, decorre da necessidade, compreensível e legítima, que as pessoas têm de se apegar a uma esperança. Não se pode dizer quanto tempo isso dura. Os movimentos sociais só terão capacidade de ação minimamente eficaz depois que o descontentamento difuso se espalhar, criando uma legitimidade social de fundo para que eles recuperem a autoconfiança e percebam a necessidade de agir. Acho que isso poderá começar a ocorrer já no próximo ano. Mas é uma avaliação muito subjetiva.

**Folha - Lula tem popularidade alta não só no Brasil. São depositadas nele esperanças de esquerda de toda a América Latina. Quais as perspectivas da esquerda no continente?**

**Benjamin** - Na última década, os Estados nacionais do continente foram em grande medida desmontados e desmoralizados, enfraquecendo-se instituições essenciais para o exercício da soberania e da cidadania. A monitoração externa dos atos de governo tornou-se rotina. As moedas nacionais se enfraqueceram ou, em diversos casos, foram simplesmente abolidas. Houve ampla desnacionalização da base produtiva e dos

recursos naturais. Os espaços econômicos estão sob ameaça de extinção, com a criação da Alca. Intensificaram-se movimentações em torno do Plano Colômbia que prenunciam um aumento da presença militar externa na região amazônica. Se esses processos não forem revertidos, o cenário estrutural do continente terá sido dramaticamente alterado já no fim desta década. A evolução recente dos acontecimentos na Argentina, na Bolívia e na Venezuela mostra, no entanto, que poderemos reagir. O Brasil está imerso nessa crise continental, mantendo porém as características estruturais que lhe são peculiares: a continentalidade do território, a grande massa demográfica, uma base técnica razoavelmente desenvolvida, uma economia cheia de potencial, enorme capacidade de criação cultural. É o grande país periférico das Américas, um dos cinco ou seis grandes países periféricos do mundo. Vive uma crise grave, mas tem enorme potencial para superá-la. É insubstituível na criação do projeto de uma área regional de cooperação e desenvolvimento, com presença autônoma no mundo, e que poderá ser o embrião de uma federação continental - latino e americano. Parece um sonho, mas a história, a longo prazo, sempre foi feita pelos sonhadores. Os chamados realistas desaparecem sem deixar vestígios.

## Filmes da Semana

### **As Invasões Bárbaras (Les Invasions Barbares)**

**Canadá/França, 2003**

**Direção e roteiro: Denys Arcand**

**Duração: 111 minutos**

### **Adeus, Lenin (Goodbye, Lenin)**

**Alemanha, 2003**

**Direção: Wolfgang Becker**

**Duração: 121 minutos**

*Os dois filmes acima destacados são comentados em três artigos que seguem. O primeiro, intitulado **O Tempo Lógico**, é de autoria de Daniel Schenker Wajnberg, e foi publicado no site [www.criticos.com.br](http://www.criticos.com.br), no dia 31 de outubro de 2003. O segundo faz o comentário do mesmo filme, e é de autoria do padre jesuíta Luís Corrêa Lima. O terceiro comenta o filme **Adeus, Lenin**, tem o título **A mentira é bela** e foi escrito por João Marcelo de Mattos, sendo igualmente veiculado no site [criticos.com.br](http://criticos.com.br), em 26 de dezembro de 2003.*

## **O Tempo Lógico**

**Por Daniel Schenker Wajnberg**

Na segunda metade da década de 80, Denys Arcand causou impacto ao colocar homens e mulheres – de início separados em locações diversas e depois reunidos numa casa de campo – falando sobre a desvinculação parcial entre o exercício da sexualidade e a manifestação da afetividade. O título do filme parecia a nomeação de uma tese de doutorado: *O Declínio Do Império Americano*. A expressão perdeu boa parte de sua estranheza depois dos atentados de 11 de setembro, e Arcand recorre ao fato para abrir *As Invasões Bárbaras*, trabalho em que leva as mesmas personagens a se reencontrarem cerca de 15 anos depois. Boa parte das características da obra anterior pode ser revista na tela grande, como a contracena entre explanações teóricas e o relato de vivências corriqueiras. Mas o assunto aqui é o próprio tempo ou, mais exatamente, a saudade do passado que, claro, não volta.

Remy – uma das personagens de *O Declínio...* que centraliza as atenções em *As Invasões...* – se depara com esta sensação mas, paradoxalmente, demonstra ter retido o passado, tendo em vista que reaparece, conservando o mesmo espírito do *bon vivant* de priscas eras. A verdadeira passagem do tempo, mais lógica do que cronológica, se dá nos seus últimos dias de vida, período em que tem a oportunidade de retomar o elo com o filho, Sébastien (ótima presença de Stéphane Rousseau), com quem mantinha um relacionamento até então estremecido. Momento em que assiste também ao retorno dos antigos amigos e aproveita para rememorar experiências intensas. Denys Arcand sublinha determinadas formas de atuação no mundo, acenando com a possibilidade de aceitação mesmo quando as discordâncias são grandes. É assim que *As Invasões Bárbaras* sobrevive até o término da projeção.

Uma análise mais convencional derrubaria o filme com facilidade e pontos “menores” não deixam de vir à tona com alguma força. Desenhados como reflexos diretos das suas respectivas épocas, Remy e Sébastien sofrem com um esquemático jogo de oposição – o professor de história das antigas versus o milionário capitalista que expressa a sua dedicação, fazendo uso da linguagem que melhor domina, o dinheiro. A verossimilhança do roteiro (premiado em Cannes, juntamente com a interpretação da atriz Marie-Josée Croze) também pode ser questionada na total ausência de discussão em relação à opção de viciar Remy em heroína como forma de minimizar a dor do câncer, na facilidade com que a droga é utilizada dentro do hospital e no envolvimento de uma *junkie* estimulado pela própria mãe. Não é só: Arcand também não se preocupa em esconder o suficiente a sua condução emocional. Falhas de um filme com potencial para provocar inquietação no espectador.

## Invasões Bárbaras: Utopias arrasadas e presença do sentido

Por Luís Corrêa Lima

*Também comentando o filme **Invasões Bárbaras**, o padre jesuíta Luís Corrêa Lima, publicou o artigo a seguir no jornal **Correio Braziliense**, em 13 de dezembro de 2003. Padre Luís é doutorando em História na Universidade de Brasília (UNB), trabalha no Ibrades, em Brasília, é mestre em História Social da Cultura pela PUC-RJ, com a dissertação “Tomás de Mercado - moral e pensamento econômico na Espanha do séc. XVI”. É também autor do livro **Teologia de Mercado: Uma visão da economia mundial no tempo em que os economistas eram teólogos**. Edusc, Bauru 2001.*

É um privilégio poder ver o premiado filme de Denys Arcand, *Invasões Bárbaras*. Trata-se da história, no Canadá francês, de Rémy, um professor universitário cinquentão, que descobre que tem câncer e vai morrer. Ele viveu os sonhos de sua geração, a de 68, e agora decide reunir a família e os amigos, fazendo um balanço de sua existência. Os amigos são os mesmos atores do *Declínio do Império Americano*, outro filme do cineasta. Eles foram marxistas, socialistas, maoístas, feministas, estruturalistas, abraçaram todos os ‘ismos’ em busca de uma sociedade diferente e de uma forma melhor de se viver. Suas utopias ruíram de modo devastador e suas relações amorosas e familiares foram um fracasso. Os filhos sofreram terrivelmente com seus divórcios.

O hospital onde está Rémy, apesar de situado no 1º Mundo, é uma espelunca entupida de doentes. O filho Sébastien, rico empresário da Bolsa de Valores, corrompe funcionários para dar ao pai o melhor conforto possível e, seguindo conselho médico, procura heroína para aliviar o sofrimento dele. Faz contatos com o submundo das drogas e encontra uma viciada que ministra as doses em seu pai.

É um mundo pós-cristão. A educação católica da infância e adolescência, nos anos 50 e início dos 60, foi completamente rechaçada. Restam os templos vazios, onde um velho sacerdote se lamenta, e centenas de imagens de santos abarrotadas em porões, sem ter nem mesmo valor comercial. A morte das utopias coincide com as ‘invasões bárbaras’: imigrantes vão tomando conta do submundo e terroristas estrangeiros explodem o World Trade Center.

Rémy passou a vida buscando um sentido: ideologias, prazeres, mulheres, viagens, bebida. Tudo acabou, e ele se sente tão despido quanto ao nascer - o triunfo do nada. Entretanto, nem tudo é devastação. O filme começa com uma irmã no hospital distribuindo a comunhão aos doentes, e termina com Rémy morrendo em estreita 'comunhão' com a família e os amigos. Ele inveja a fé da irmã, feliz por poder acreditar. A parte final do filme se passa em uma casa à beira de um lago maravilhoso. Ao deixar o hospital e ir para lá, a irmã diz a Rémy: 'Aceite o Mistério. Se você aceitar o mistério, será salvo'. E a Sébastian: 'Toque seu pai, diga que o ama'. No final, os personagens de certo modo se redimem. Rémy agradece aos amigos toda a solidariedade, dizendo que leva consigo o sorriso de cada um. Sébastian finalmente abraça o pai e diz que o ama; e deixa que joguem fora o seu telefone celular, vínculo escravizante com o mundo dos negócios. A viciada começa a se tratar. A esposa de Sébastian, descrente de todo amor, diz que o ama. Quando Rémy falece, a câmera mostra árvores imensas, de baixo para cima com o céu ao fundo, como colunas de uma catedral gótica que sobem rumo ao Transcendente. Em seguida, o próprio céu com nuvens. A cena final é de um avião voando, com uma bela canção elogiando a amizade, comparando a fidelidade dos amigos aos pássaros migradores que sempre aparecem na mesma estação do ano. Como em outro filme, *Jesus de Montreal*, Arcand mostra o valor do Evangelho, contrastando com uma decadência institucional da Igreja. Em *Invasões Bárbaras*, a Igreja é decadente na figura masculina, o padre, e vigorosa na figura feminina, a irmã, portadora da grandeza do Mistério. Um filme impiedosamente arrasador, mas que dá chance à ternura e à esperança.

## A mentira é bela

Por João Marcelo F. de Mattos

Imenso sucesso em sua terra natal, o filme alemão *Adeus, Lenin*, também cumpre carreira de sucesso no circuito internacional de festivais deste ano, ao tratar de um dos maiores e mais importantes acontecimentos da história mundial recente, a queda do Muro de Berlim e a conseqüente reunificação das duas Alemanhas. O sucesso é merecido pela maneira como se fala do assunto, mais do que por ser esta uma grande e perfeita obra. Com tema tão explosivo e polêmico, capaz de desagradar a tantos e mexer com feridas ainda abertas na vida atual do povo alemão, foi feito um drama agridoce (o que se reflete até na cartela de cores e iluminação dos planos), com toques de humor amargo, porém nunca cínico, e que busca um tom conciliatório.

A trama básica é tão bem bolada quanto fantasiosa: em 1989, pouco antes da queda do muro, uma mulher passa mal na rua, entra em coma e fica desacordada durante as gigantescas mudanças pelas quais passa a sociedade alemã. Quando ela desperta, em meados de 1990, sua cidade, Berlim Oriental, e o regime político em que ela viveu, simplesmente acabaram tais como ela os conheceu a vida inteira, só que ela não sabe de nada disso. Seu filho, temendo que a excitação causada pelas mudanças possa prejudicar a saúde da mãe, decide esconder-lhe os acontecimentos. Para isso cria toda uma farsa destinada a fazer com que a mãe continue a acreditar que mora numa Berlim Oriental e sob um governo comunista, uma megailusão que ele precisa sustentar mentindo continuamente.

De início, deve ser louvada a maneira como a dramaturgia da obra consegue, para o bem da credibilidade do filme (logo, de suas intenções humanitárias), e com os exageros naturais e desculpáveis de uma obra de ficção cinematográfica (nada muito irritante), convencer a platéia da funcionabilidade da trama. Isso acontece pela maneira correta como os artifícios usados para que a farsa prossiga (vide a busca pelos produtos antigos, os vídeos *pseudotelejournalísticos*) são inseridos dentro da história.

Essa trama possibilita também que se arranhe o tema da verdade e o peso dela nas relações humanas, mas sobretudo traz como sugestão dramática maior, geral, articulada com a busca pela conciliação, uma idéia tão polêmica quanto perturbadora: que a mentira empregada de forma totalizante, como motor principal de uma existência, possa ter valor de demonstração de piedade e amor profundo.

Politicamente, o filme também procura fazer uma passagem da constatação da falência e condenação do comunismo (de forma discreta) a um pedido pela preponderância de um capitalismo mais humanizado (em momento que fecha toda as idéias da obra), e que fuja ao consumismo desenfreado. Como essa transição ocorre de maneira suave, e em nenhum dos dois momentos é dada uma ênfase panfletária na transmissão dessas idéias, o todo ganha em eficiência. Isso não significa que *Adeus, Lenin* fique (apelando para trocadilho tão fácil quanto irresistível) *em cima do muro*, apenas aponte para um mundo novo com toda a sua complexidade, sem nostalgias burras e necrofilizantes, tampouco deslumbramento bobo.

Se tem, em suas diversas variáveis de estruturação e significado, um belo equilíbrio, *Adeus, Lenin* não chega a ser excepcional em nenhum desses aspectos (isso não deve ser creditado ao equilíbrio em si, que poderia ser visto por alguns como camisa-de-força), pois de certa forma a realização final parece sofrer com o acúmulo e repetição de temas e subtextos, e ainda cansando um pouco em sua narração – nem mesmo a alternância de instantes de alívio cômico, como a primeira aparição da logomarca de famoso refrigerante, com outros mais dramáticos, consegue impedir isso. O que se sobressai mesmo é a excelente interpretação de Katrin Sass como a mãe (poucas falas e olhar intenso), sobretudo na cena-chave do filme, a do encontro casual na rua, na qual ela dimensiona a complexidade da personagem através de uma expressão estupefaciente marcante e absolutamente sutil, que exhibe uma desolação de quem não pode entender mudanças que não têm volta.

## Entrevista da Semana

### Bispo defende homologação de terra contínua para índios

**Sob proteção federal por causa de ameaças de morte, ele diz que a política indígena em Roraima é perversa**  
**Entrevista com Dom Pedro Casaldáliga**

*Reproduzimos a seguir, uma entrevista com Dom Pedro Casaldáliga realizada por Tiago Orgaghi e publicada na edição da Folha de S. Paulo do dia 12 de janeiro de 2004. Dom Pedro Casaldáliga é Bispo na Prelazia de São Félix do Araguaia, Mato Grosso. Espanhol, dom Pedro Casaldáliga está prestes a se naturalizar brasileiro, depois de 35 anos de atuação no Brasil, onde enfrentou o regime militar, pistoleiros contratados por fazendeiros e lutou contra as desigualdades sociais. Ele é autor de diversos livros, entre os quais citamos Creio na Justiça e na esperança. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988 e Espiritualidade da libertação. Petrópolis: Vozes [Col. Teologia e Libertação], 1993.*

O bispo de São Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga, 75, defende que a reserva Raposa/Serra do Sol, em Roraima, seja demarcada e homologada como área indígena contínua (sem enclaves brancos) e que toda a população não-índia seja removida.

Para o bispo, os índios fizeram reféns três religiosos por terem sido cooptados por fazendeiros contrários à decisão do governo federal. "Eles querem radicalizar para que os objetivos de demarcar a reserva se tornem impossíveis."

Casaldáliga, que ficou conhecido internacionalmente por adotar posições radicais em questões sociais e por criticar o regime militar (1964-1985) numa das regiões onde a guerrilha atuava (Araguaia), é ameaçado de morte e recebe proteção federal.

O bispo, que já desafiou os preceitos do Vaticano e por isso foi punido, diz que a Igreja Católica vive um "processo de involução".

"[João Paulo II] Poderia deixar o papado. A permanência possibilita que a Cúria se mantenha mais centralizadora, mais controladora, mais fechada", disse.

Casaldáliga avalia que o governo de Luiz Inácio Lula da Silva está fazendo "progressos modestos" na reforma agrária e na questão das terras indígenas, mas que os avanços são obstaculizados pelo Judiciário.

"O Judiciário é lerdo, quando não é omissos, quando não é corrupto."

Espanhol de Barcelona, o missionário da ordem dos Claretianos chegou à Amazônia há 35 anos. Ele é um dos fundadores da CPT (Comissão Pastoral da Terra) e do Cimi (Conselho Indigenista Missionário).

A prelazia de São Félix do Araguaia ocupa uma área de 150 mil km<sup>2</sup> na Amazônia Legal brasileira.

Atualmente, o religioso enfrenta problemas de saúde. Sofrendo do mal de Parkinson, precisa submeter-se a uma dieta rigorosa para controlar a pressão alta.

"Estou esperando um sucessor. Com 75 anos, não se podem programar grandes façanhas."

A seguir, trechos da entrevista concedida por d. Pedro Casaldáliga à **Agência Folha** no dia 27 de novembro e no sábado passado.

★

**Agência Folha - A situação na Raposa/Serra do Sol mostrou uma radicalização da questão indígena?**

**D. Pedro Casaldáliga** - Em Roraima, a população é majoritariamente indígena. A atuação política no Estado tem sido muito perversa para os índios, muitas vezes devido aos interesses de garimpeiros e fazendeiros.

**Agência Folha - Três religiosos foram feitos reféns pelos índios. Por que isso aconteceu?**

**Casaldáliga** - Isso aconteceu porque os fazendeiros da região e alguns índios cooptados por eles acham que esses religiosos estão defendendo o direito dos indígenas e a demarcação de uma área contínua. Eles querem radicalizar para que os objetivos de demarcar a reserva se tornem impossíveis.

**Agência Folha - Qual seria a solução para o problema em Roraima?**

**Casaldáliga** - A demarcação de uma reserva contínua que não separasse as aldeias, que, de outra forma, ficariam isoladas. E a retirada da população branca para evitar a luta pela terra.

**Agência Folha - O senhor está sendo novamente ameaçado de morte. Como são essas ameaças?**

**Casaldáliga** - Recebi informações de órgãos oficiais sobre essas ameaças. Mais recentemente, ameaças foram pichadas em paredes da nossa comunidade. Recebi nomes de quem estaria interessado na minha morte.

**Agência Folha - O senhor está recebendo proteção?**

**Casaldáliga** - Sim. A proteção é feita sem nenhum tipo de ostentação para não criar um clima hostil. Nem eu mesmo vejo a segurança. É muito discreta.

**Agência Folha - Como o senhor avalia a ação do governo Luiz Inácio Lula da Silva quanto à reforma agrária?**

**Casaldáliga** - Nós estamos começando a saber onde está a ferida na questão agrária. O novo plano de reforma agrária feito pelo Plínio de Arruda Sampaio é bastante bom, pelo que ouvi falar [o economista e ex-deputado federal petista, a pedido do governo, elaborou um anteprojeto do Plano Nacional de Reforma Agrária; o plano, não posto em prática, estabelece a meta de 1 milhão de famílias assentadas entre 2004 e 2007].

Mas precisamos de um levantamento mais preciso e mais justo de quem são os verdadeiros sem-terra para evitar que haja figuras infiltradas, como acontece aqui na região [do Araguaia, nordeste de Mato Grosso].

Mas a coisa não vai melhorar tão rapidamente, porque, em última instância, acaba caindo tudo na mão do Judiciário. E o Judiciário é caracterizado pela lerdeza. O Judiciário é lerdo, quando não é omissos, quando não é corrupto.

**Agência Folha - O que o senhor acha do trabalho do ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos?**

**Casaldáliga** - Sentimos que o governo continua sem ter a coragem de enfrentar o problema e fazer a demarcação, a homologação das áreas indígenas. As áreas deveriam ter sido demarcadas todas até 1988. Outro problema é o do assassinato de índios. Lamentei muito a declaração do ministro de que a maioria das mortes foi causada por conflitos internos. Acompanho de perto a situação. Não é verdade. São fundamentalmente conflitos de terra.

**Agência Folha - O senhor crê que a CNBB tenha se tornado mais conservadora?**

**Casaldáliga** - Eu diria que há um processo de involução da Igreja Católica. Mas as pastorais específicas têm adquirido mais autonomia e personalidade. Já não é mais tão necessário que a CNBB oficialmente aja. As pastorais específicas agem in loco, no terreno. A CPT, o Cimi e as diversas pastorais estão trabalhando em áreas de fronteira. E essas áreas são conflituosas. Lidar com problemas de terras não é o mesmo que cuidar de idosos ou crianças. Por isso, sempre aparecem Cimi e CPT como radicais, como exigentes, como impacientes.

**Agência Folha - Que balanço o senhor faz da questão agrária desde a década de 70?**

**Casaldáliga** - Continua havendo medo em relação a mexer com o latifúndio. Medo de terrorismo, de mexer com interesses. Como se o latifúndio fosse intocável. Ainda há a vontade de alguns de sacralizar a propriedade particular, como se fosse um direito sagrado e absoluto.

**Agência Folha - Qual é sua opinião a respeito do crescimento da agroindústria?**

**Casaldáliga** - A grande pergunta a ser feita é: como conjugar a agricultura familiar com a agroindústria? Eu acho que, na devida medida, caberiam os dois programas. Privilegiar a agricultura familiar, que é a agricultura que resolve a fome, o desemprego e a produção do país, pois o latifúndio e a monocultura sempre acabam sendo muito menos produtivos, além de não empregar e de destruir o ambiente. No entanto, o governo coloca na agroindústria muito mais dinheiro do que na agricultura familiar. A necessidade do país é pagar os juros da dívida. A agroindústria paga os juros dessa dívida, pois a agroindústria é fundamentalmente de exportação. Esquece-se da mesa da família e atende-se à mesa do FMI [Fundo Monetário Internacional].

**Agência Folha - Como o senhor vê os projetos sociais do governo Lula?**

**Casaldáliga** - A FAO [Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação] tem feito questão de anunciar os dados do Fome Zero. Acho que é um programa válido. Talvez tenha sido anunciado com uma certa festividade populista. Esqueceu-se que o problema não pode ser resolvido com a facilidade com que se apresentou.

**Agência Folha - A Igreja Católica teve um importante papel na formação do PT, a partir da esquerda católica. Como está esse relacionamento agora?**

**Casaldáliga** - As comunidades eclesiais de base foram a origem dos líderes do PT e de outros movimentos sociais, como o próprio MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra]. Todos os envolvidos fizeram uma opção pelo povo, pensando em justiça social. É lógico que essa ideologia se alinhou e floresceu em certos partidos e movimentos. Mas é preciso fazer a diferenciação: PT é uma coisa, igreja é outra; MST é uma coisa, CPT é outra. Mas somos todos companheiros de caminhada.

**Agência Folha - No ano passado, morreram mais índios e sem-terra do que em 2002. Por que justamente no primeiro ano de Lula?**

**Casaldáliga** - Eu tenho a impressão de que, com o governo Lula, os movimentos sociais sentiram uma atmosfera de "é agora ou nunca". Eu, os sem-terra e os deserdados sentimos que, ou se faz a reforma agrária no governo Lula, ou teremos perdido uma ocasião histórica. Por outro lado, o latifúndio, representado pela bancada ruralista, percebeu que uma revolução no campo poderia ser desencadeada e reagiu de uma forma muito mais agressiva, o que origina esse conflito armado.

**Agência Folha - Com a formação de um grupo conservador de cardeais eleitores, especula-se que o próximo Papa possa ser mais conservador que João Paulo II. O que o senhor acha disso?**

**Casaldáliga** - Eu digo o seguinte: por um lado há uma involução oficial da igreja no que diz respeito às condições e à saúde do Papa. Ele poderia deixar o papado. A permanência possibilita que a Cúria se mantenha mais centralizadora, mais controladora, mais fechada. Mas, por outro lado, têm crescido nas bases eclesiais muito mais consciência e liberdade. Existem muitas pastorais e grupos que têm liberdade para atuar nas questões sociais.

**Agência Folha - O senhor anunciou, em 1999, a sua "Declaração de Amor à Revolução Total de Cuba"...**

**Casaldáliga** - Eu fiz uma declaração de amor à revolução total. Eu sublinhei o total. Em Cuba, a revolução acabou sendo parcial. O resultado em Cuba deveria ter sido mais democrático. Cuba teve o problema do bloqueio econômico. Mas sempre a América Latina deverá agradecer à coragem de Cuba frente aos EUA, a contestação do imperialismo. E Cuba, desde a revolução, tem cuidado muito da saúde e da educação de seu povo. Mas há os desrespeitos, que são evidentemente negativos.

# MEMÓRIA

## Norberto Bobbio

Por causa do recente falecimento do filósofo e senador vitalício italiano Norberto Bobbio, **IHU On-Line** realiza esta homenagem na editoria Memória. Bobbio morreu no passado dia 9 de janeiro de 2004, aos 94 anos, no hospital de Molinette, em Turim, onde se encontrava hospitalizado desde o dia 27 de dezembro devido a problemas respiratórios. Considerado um dos grandes intelectuais italianos, Bobbio nasceu a 18 de Outubro de 1910. Doutorado em Filosofia e Direito pela Universidade de Turim fez parte do grupo antifascista "Giustizia e Liberta" (Justiça e Liberdade). Foi nomeado senador vitalício em 1984 pelo Presidente da República Sandro Pertini, uma honra atribuída às personalidades que prestaram grandes serviços ao país. Adepto do socialismo liberal, Bobbio foi preso durante uma semana, em 1935, pelo regime fascista de Benito Mussolini, ao lado de amigos como Carlo Levi, Cesare Pavese e Vittorio Foa. Em 1994, Bobbio assumiu publicamente uma posição contra as políticas defendidas por Silvio Berlusconi, que representava o centro-direita nas eleições gerais. Nesta altura, escreveu um dos seus ensaios mais conhecidos **Direita e Esquerda**, no qual se pronunciou contra a "nova direita". Pelo menos 300 mil exemplares deste trabalho foram vendidos. Além desta obra, Bobbio assinou e realizou mais de 1300 livros, ensaios, artigos, conferências e entrevistas. Norberto Bobbio recebeu o doutoramento Honoris Causa pelas universidades de Paris, Buenos Aires, Madrid, Bolonha e Chambéry (France). Autor de mais de 50 livros, boa parte deles publicados no Brasil, Bobbio estava lúcido e encerrou sua bibliografia com reflexões sobre sua vida e sobre a velhice. Autor de livros de impacto, como **Direita e Esquerda**, tinha como principais matrizes de sua obra a discussão da guerra e da paz, os direitos humanos e a democracia. Alguns dos livros mais recentes foram **Teoria Geral da Política**. Rio de Janeiro: Campus, 1999; **Diálogo em Torno da República** Rio de Janeiro: Campus, 2001; **Entre Duas Repúblicas**. Brasília: ed. UNB, 2001; **Elogio da Serenidade** São Paulo: ed. Unesp, 2002; **O Filósofo e a Política**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

## Um autor que faz pensar com sintonia fina

Por Renato Janine Ribeiro

*Reproduzimos, a seguir, o artigo do Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro, publicado na **Folha Online** do dia 10 de janeiro, por causa da morte de Norberto Bobbio. Renato Janine Ribeiro, 54, é professor titular de Ética e Filosofia Política na USP e autor de **A Sociedade contra o Social** (São Paulo: Companhia das Letras, 2000, Prêmio Jabuti), entre outros títulos. Atualmente, leciona na Universidade de Columbia, em Nova York. Outros livros do autor são: **Ao leitor sem medo - Hobbes escrevendo contra o seu tempo** (Belo Horizonte: UFMG, 1984); **A última razão dos reis - ensaios de filosofia e de política** (São Paulo:*

*Companhia das Letras, 1993);; **Democracia** (2001) e **República** (2001), ambos na coleção Folha explica, São Paulo: Publifolha. **A Universidade e o Tempo Presente** (Rio de Janeiro: Campus, 2003).*

*Renato Janine Ribeiro participou do Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade: Por uma ética na política e na economia, em junho de 2002, na Unisinos, apresentando o tema A política e o Bem Comum: por uma sociedade politicamente democrática. O prof. Dr. Renato Janine Ribeiro concluiu a primeira etapa do **Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, no dia 12 de junho de 2002, falando sobre o tema A construção do Brasil: idéias sobre a identidade nacional. No mesmo dia, o professor conduziu a temática A política que passa pelos costumes: a TV como porta de acesso à cultura brasileira da política, no evento **IHU Idéias**. Renato Janine Ribeiro concedeu duas entrevistas ao **IHU On-Line** nas edições n.º 24, de 24 de julho de 2002 e n.º 63, de 9 de junho de 2003, páginas 4-7.*

Norberto Bobbio é um dos grandes pensadores políticos que o século XX nos deixou. Uso o verbo no presente porque, mesmo ele tendo morrido, como pensador continua vivo. Coloco seu nome na mesma lista em que situaria Carl Schmitt, Hannah Arendt, Isaiah Berlin, Claude Lefort e Jacques Rancière, sem me preocupar em ordená-los pelo mérito.

Começamos notando a freqüência com que diz "é preciso distinguir", talvez a expressão mais recorrente em sua pena. Essa preocupação com o "distinguo" não é mania de escolástico: é sinal de que ele pensa com sintonia fina.

Veja-se seu **Liberalismo e Democracia**: embora socialista, Bobbio reconhece os méritos do pensamento liberal. Mas não esquece que o termo "democracia liberal" expressa uma contradição ou, ao menos, uma tensão. Distinguir democracia e liberalismo é recusar a pretensão dogmática de que todo o bem esteja de um lado, e todo o mal de outro.

Talvez daí venha, nesse homem que combateu o fascismo, uma moderação que nem sempre agradou à esquerda radical: porque, distinguindo, ele realça as qualidades dos oponentes. Daí também, em sua obra, um tom de diálogo entre as linhagens principais da boa política moderna (assim poderíamos classificar o socialismo, o liberalismo, a democracia e a república).

Mas ele sempre se situou à esquerda. Leia seu **Liberdade e Igualdade**. Quase todos os teóricos da política dizem que a esquerda enfatiza a igualdade, e a direita, a liberdade. Norberto Bobbio, não. Ele diz que a esquerda enfatiza a igualdade, que a direita e a esquerda democráticas apostam na liberdade, que os extremos (à esquerda e à direita) não amam a liberdade.

### **Liberdade e igualdade**

O resultado é que ele retira da direita moderada o monopólio da liberdade! E com isso ele dá, à esquerda democrática, a vantagem de ser a única a defender, ao mesmo tempo, a liberdade e a igualdade.

Desde Hegel, geralmente os filósofos começam fazendo história da filosofia. Bobbio, também. Tem um "Hobbes" de excelente qualidade. Livros de introdução usualmente não passam de aborrecidos guias de leitura. Bobbio escapa dessa praga. Quando fala de um clássico, não é para resumi-lo, mas para expor um viés novo, partindo às vezes de um significante pequeno. Sua leitura é criativa.

O que une sua leitura do passado a sua escrita do presente é o respeito do matiz. É nas distinções que está nossa chance, como cidadãos, de construir uma política diferente ou, simplesmente, de pensar. Um autor inteligente, claro, respeitoso do assunto e do leitor: o que podemos querer de melhor?

## Pensamento de Bobbio extrapola "breve século XX"

Por Rubens Ricupero

*Reproduzimos, a seguir, o artigo de Rubens Ricupero publicado na **Folha Online**, no dia de hoje, 12 de janeiro de 2004, por causa do falecimento de Norberto Bobbio. Rubens Ricupero, 66, é secretário-geral da Unctad (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento), mas expressa seus pontos de vista em caráter pessoal. Foi ministro da Fazenda (governo Itamar Franco). Autor de vários livros citamos o último **A ALCA**, São Paulo: Publifolha, 2003*

Filósofo militante, Norberto Bobbio uniu pensamento e ação ao longo de uma vida que abrangeu mais do que o "breve século XX", pois se iniciou antes da 1ª Guerra Mundial e se prolongou bem além da queda do Muro de Berlim. Nas últimas duas décadas, converteu-se na consciência ética e política de uma Itália mergulhada na crise moral da operação "Mãos Limpas" e no desafio de resgatar a democracia corrompida em um meio paralisado pelo impasse esquerda-direita.

Expressão de uma cultura descentralizada, de profundas raízes regionais, Bobbio passou quase toda a vida na capital do seu amado Piemonte, Turim, cidade onde nasceu em 18 de outubro de 1909, estudou direito e filosofia e foi professor universitário e jornalista, com exceção de passagens por Siena e Pádua, e de breves visitas a Roma ou ao estrangeiro.

Nos anos de formação, conviveu com figuras marcantes de sua cidade natal: o escritor Leone Guinzburg, marido da romancista Natalia, morto pelos nazistas, o poeta Cesare Pavese, que se suicidou jovem, seu professor Luigi Einaudi, seu colega, o editor Giulio Einaudi, o grande historiador Franco Venturi.

Ele próprio considerou os 20 meses da Guerra de Libertação (set.43-abr.45) como decisivos em sua biografia. É o marco divisor entre um "antes", no qual "tentamos sobreviver com algum compromisso inevitável com a nossa consciência e aproveitando até os menores espaços de liberdade que o regime fascista... nos concedia" e um "depois", no qual nasce a democracia italiana.

Nesse período da pré-história de sua vida de estudioso, fora forçado a ocupar-se de estudos jurídicos e filosóficos de "caráter politicamente asséptico". Isso não o poupou de ser preso duas vezes pelos fascistas, a segunda vez por três meses em Verona, como membro do clandestino Partido de Ação, da Resistência. Terminada a guerra, com o retorno da liberdade, era natural, declarou, que se dedicasse à democracia e à paz, os problemas a enfrentar.

O vínculo entre o "antes" e o "depois" foram os cursos de filosofia do direito, que ensinou até 1972, publicando *Teoria da Ciência Jurídica* (1950), *Estudos de Teoria Geral do Direito* (1955), *Teoria da Norma Jurídica* (1958), etc.

Desde a Resistência, Bobbio havia começado a colaborar no jornal do Partido de Ação, *Justiça e Liberdade*, dirigido por Franco Venturi. Embora lutando lado a lado com os comunistas, o Partido de Ação não acreditava "num socialismo que não fosse ao mesmo tempo liberdade". Suas idéias anunciavam alguns temas constantes: desconfiança de uma política excessivamente ideologizada, que divide e exclui; defesa do governo das leis contra o governo dos homens; opção pelo laicismo como exercício do espírito crítico contra os dogmatismos opostos dos católicos e dos comunistas.

A influência do filósofo piemontês não vai cessar de crescer num país dividido entre essas duas tendências majoritárias. Não se identificando com as idéias ou a prática de Gramsci, Togliatti e Berlinguer, à esquerda, nem com as de Dom Luigi Sturzo, De Gasperi e Aldo Moro, na Democracia Cristã, Bobbio se filiou à tradição italiana do liberalismo leigo na cultura e na política. Sua família espiritual foi a de Croce e Luigi Einaudi, à qual adicionou o elemento socialista democrático de Gobetti e de Carlos Rosselli, autor de *O Socialismo Liberal*.

Sua posição era de negação total em relação ao fascismo, antiliberal em política e anti-socialista em economia. Diante do comunismo, contudo, a negação era dialética, isto é, não excluía a afirmação de tudo o

que o comunismo representara na derrota do fascismo e na antítese do capitalismo. O fascismo era o inimigo. Os comunistas eram adversários com os quais convinha iniciar um diálogo sobre os temas da liberdade, da justiça social e da democracia.

Esse diálogo vai cumprir-se em duas etapas. A primeira, nos anos 50, visa demonstrar que as liberdades políticas não são apenas uma conquista burguesa, a serem descartadas sem maiores conseqüências pelo regime proletário, mas a base da afirmação gradual, primeiro do Estado liberal, mais tarde do Estado democrático, ao qual os próprios comunistas deveriam chegar como condição para salvar a revolução. O resultado da discussão será recolhido em "Política e Cultura" (1955).

Quase duas décadas depois, quando a democracia liberal volta a ser contestada por correntes influenciadas pelo Movimento de 1968, inclusive pelas Brigadas Vermelhas com sua opção pela "crítica das armas", Bobbio vai reafirmar que não existe uma teoria marxista do Estado capaz de contrapor-se, como modelo alternativo, à democracia representativa. O debate inspirou o livro **Qual Socialismo?** (1976) e mostrou que, dessa vez, se havia estreitado muito a distância que antes o separava dos comunistas.

Em lugar da falsa oposição "democracia formal e burguesa" versus "democracia de conteúdo social", sua conclusão era de que a democracia não admite adjetivos e se define como o sistema de regras que permitem a instauração e o desenvolvimento da convivência pacífica. Direitos humanos, democracia e paz são três momentos do movimento histórico: sem direitos humanos reconhecidos e protegidos não há democracia; sem democracia não existem condições mínimas para a solução pacífica dos conflitos sociais. Em 1972, Norberto Bobbio se transferiu para a Faculdade de Ciências Políticas de Turim, onde ensinou filosofia política até aposentar-se em 1984, como professor emérito. Sua bibliografia compreende centenas de artigos, apostilas e ensaios, assim como dezenas de livros sobre temas jurídicos de filosofia política ou de militância, dentre os quais o **Teoria das Formas de Governo** (1976), **As Ideologias e o Poder em Crise** (1981), **Problema da Guerra e os Caminhos da Paz** (1979), o polêmico **Uma Guerra Justa?** (1991) sobre a Guerra do Golfo, etc.

Tendo escolhido o diálogo permanente com os marxistas sobre o valor universal da democracia em lugar da cruzada anticomunista, a queda do Muro de Berlim justificou o acerto de sua opção: "A história tinha dado razão a nós, não a eles". Com o fim da Guerra Fria e o colapso da 1ª República italiana, passa a existir, como alternativa à esgotada coalizão liderada pela Democracia Cristã, a possibilidade, pela primeira vez, de que chegue ao poder uma esquerda marxista reconciliada com a democracia e aliada ao centro, realizando o chamado "Compromisso Histórico".

Nesse momento de afirmação dos valores liberais, o velho lutador não desarmou e insistiu no elemento que faltava à sua equação ideal: a igualdade. Para ele, a distinção fundamental entre direita e esquerda é que a primeira reúne as forças a serviço dos interesses satisfeitos com o "status quo", resignadas a uma desigualdade por eles considerada como fatalidade impossível de mudar.

A esquerda, por outro lado, são os que sentem e agem em favor dos pobres e oprimidos, dos movimentos de liberação, dos que acreditam na possibilidade de mudar o mundo, de criar uma sociedade menos injusta. Nomeado senador vitalício em 1984 pelo então presidente Sandro Pertini, sempre se considerou nessa função mais como espectador curioso do que como ator. Nunca foi ministro e, depois da derrota de sua candidatura à Constituinte de 1946 pelo Partido de Ação, jamais se candidatou de novo. Sua considerável influência na Itália, Espanha e países da América Latina decorreu da pregação de idéias na universidade e sobretudo pelos escritos. A fim de proferir conferências, esteve em 1982 e 1986 no Brasil, onde sua obra se tornou conhecida graças especialmente aos esforços de seu amigo e discípulo, Celso Lafer.

Confessou que sua vida pública foi monótona, sem que nela nada acontecesse, salvo na vida privada, que valesse a pena ser contado: "Nascimento em família burguesa, os estudos habituais de um rapaz de boa burguesia citadina, liceu clássico e universidade, vida sedentária transcorrida em grande parte entre as quatro paredes de um escritório, ou nas mais diversas bibliotecas do mundo, salvo algumas viagens para participar de congressos ou proferir conferências, um casamento feliz e vida familiar serena, vida pacífica num dos períodos mais dramáticos da história européia".

Casado por mais de 53 anos com Valeria Cova e pai de três filhos homens, Bobbio apontava como seus

defeitos os nervos frágeis e a tendência a acessos de ira. Definia-se, porém, como homem de diálogo, só não tendo conseguido dialogar com o movimento estudantil de 1968. Moderado e adepto da máxima de que "no meio está a virtude", pessimista por temperamento, agnóstico e inclinado a achar as razões da dúvida mais convincentes do que as da certeza, afirmava viver como leigo num mundo que desconhece a dimensão da esperança, virtude puramente teológica.

Fiel aos clássicos de sua predileção -Hobbes, Locke, Rousseau, Kant, Hegel-, autor de duas obras-primas de literatura moral e autobiográfica, **Elogio da Brandura** (1994) e **De Senectute** ("Tempo de Memória", no Brasil, 1996), identificava-se com os clássicos estoicos quando dizia que as virtudes do leigo são o rigor crítico, a dúvida metódica, a moderação, a tolerância. Ou quando escolhia para se definir este trecho que resume o legado de sabedoria do coração deste sábio exemplar do nosso tempo: "Aprendi a respeitar as idéias alheias, a deter-me diante do segredo de cada consciência, a compreender antes de discutir, a discutir antes de condenar. E já que estou em veia de confidências, faço uma ainda, talvez supérflua: detesto os fanáticos com toda a alma".

# ACONTECE

## Cescoop XXVII abre inscrições

A edição número 27 do Curso de Especialização em Cooperativismo da Unisinos – Cescoop, inicia no próximo dia 16 de abril de 2004 e encerra em 31 de agosto de 2005. O período de inscrições é de 1º a 31 de março 2004 na Coordenação de Admissão e Matrícula – Câmpus Universitário. A taxa de inscrição é de R\$ 25,00, e o número de vagas é 30. As matrículas acontecem de 5 a 7 de abril de 2004.

O objetivo geral do curso é capacitar, em nível de especialização, profissionais para participarem ativamente na associação de pessoas e para atuarem com competência na empresa cooperativa e/ou qualificar a ação dos profissionais que já atuam nesta área. Entre os objetivos específicos, busca-se oportunizar aos participantes a compreensão e análise do cooperativismo, tanto em relação ao referencial teórico-metodológico, quanto à práxis cooperativa; a articulação da teoria e prática para contribuir com o aperfeiçoamento das organizações cooperativas; e a capacitação para inovar e qualificar a atuação dos participantes no contexto das cooperativas.

O público-alvo do Cescoop são profissionais de múltiplas áreas, integrantes de cooperativas, associações, universidades e entidades de apoio, portadores de diploma de graduação plena, expedido por IES, reconhecido pelo MEC.

O curso tem a duração de 390 horas/aula. Será desenvolvido de forma extensiva, com um e/ou dois encontros por mês (sextas-feiras tarde e noite e sábados manhã e tarde), no Centro de Ciências Humanas da Unisinos. Articula-se em três dimensões, que favorecem a visibilidade da dinâmica do currículo e da articulação entre as disciplinas e as atividades propostas: Natureza e identidade institucional das cooperativas; Socioeducacional das cooperativas; e Técnico-empresarial das cooperativas

Numa época de globalização, de crescente exigência por qualificação dos indivíduos e das organizações, de intensa reestruturação produtiva e automação industrial como a nossa, torna-se cada vez mais imprescindível a formação permanente. O cooperativismo e as entidades de apoio, situados neste contexto, requerem profissionais qualificados para atenderem, com competência, a dimensão associação de pessoas e a dimensão empresarial, próprias das organizações cooperativas. O sistema cooperativo, em nível de associação e de empresa, necessita de qualificação doutrinária, legal, econômica e técnica do quadro dirigente, funcional e associativo. Desta forma, terá condições de afirmar o "diferencial" cooperativista frente às outras organizações que atuam na sociedade e no mercado e de poder participar com mais competência

e intensidade em todas as instâncias do processo cooperativo e da economia social e solidária. O Cescoop, portanto, mais do que aprimorar determinada formação técnica, objetiva formar pessoas com concepção, compromisso e efetiva cultura cooperativista e solidária. Com este Curso, a Unisinos assume a sua missão de estimular um sistema de organização econômica e social baseado nos valores do humanismo social cristão. Ligado ao Centro de Ciências Humanas, o Cescoop conta com o empenho do Instituto Humanitas Unisinos – IHU - na sua concepção e execução, na medida em que uma de suas áreas de atuação é o cooperativismo, o associativismo e a economia solidária, situados na área de concentração II – Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade.

Maiores informações podem ser obtidas pela Linha Direta Unisinos: 591.1122 ou pelo e-mail: [humanitas@poa.unisinos.br](mailto:humanitas@poa.unisinos.br) e pelo sítio [www.unisinos.br](http://www.unisinos.br)

## Unitrabalho

O professor Dárnis Corbellini, coordenador do Núcleo Local da Unitrabalho e da área de concentração II – Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade do IHU, participou com outros 27 coordenadores de 19 Estados do Brasil, no último dia 16 de dezembro de 2003, em São Paulo, do 1º Seminário Nacional de Avaliação do Plano Nacional de Qualificação (PNQ). Na ocasião, a Unitrabalho assinou um Termo de Cooperação com o Ministério do Trabalho e Emprego para realizar o processo de acompanhamento da execução dos PlanTeQs (Planos Territoriais de Qualificação) e ProEsQs (Projetos Especiais de Qualificação) em todos os estados do Brasil, em 2004. Professores e alunos bolsistas vão participar do processo no Vale do Rio dos Sinos, Rio Cai e Paranhana. A Unisinos foi selecionada para coordenar, juntamente com a UCPEL, essa atividade no Rio Grande do Sul.

### Participação em projeto

O professor coordenador da área de concentração II - Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade do Instituto Humanitas Unisinos, Dárnis Corbellini, participa do projeto *Construção e Implantação de um Sistema de Planejamento, Monitoramento e Avaliação do Plano Nacional de Cursos de Qualificação de Trabalhadores (PNQ)*, que é uma parceria da Unitrabalho com o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Participam 28 coordenadores de Núcleos Locais da Unitrabalho de 19 estados. Os cursos de qualificação de trabalhadores ocorrem em todo o Brasil e têm a finalidade de prepará-los para voltar ao mercado de trabalho. O objetivo é construir e implantar um Sistema de Avaliação do PNQ. Este substitui o Plano Nacional de Formação (PLANFOR) do governo anterior. Para isso, o professor Dárnis Corbellini, com o estagiário Alex Pizzio, do Curso de Ciências Sociais da Unisinos, e o professor Reinaldo Tillmann, com a estagiária Adriana, do Curso de Direito da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), visitaram a Secretaria de Trabalho, Cidadania e Assistência Social (STCAS), a Delegacia Regional do Trabalho e três representantes da Comissão Tripartite e Paritária de Emprego do RS: da Força Sindical, da CUT e da FARSUL para discutir os encaminhamentos a serem executados. Além disso, irão visitar duas entidades que, neste início de 2004, estão executando cursos de qualificação para trabalhadores e verificar se apresentam proposta metodológica inovadora de ensino. Após farão relatório que será enviado para a Unitrabalho, que o encaminhará ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

# Eventos IHU

## Atividades de 2004

*As atividades do Instituto Humanitas Unisinos em 2004 abrangem, entre outros eventos, ciclos de estudos sobre Michel Foucault, Edgar Morin, sobre o Brasil, o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI, o ciclo Inclusive – Movimento Contra a Exclusão Social e audições comentadas sobre a obra **Paixão de Jesus Cristo segundo Mateus**, de Johann Sebastian Bach. Tais eventos se desdobrarão em várias datas.*

### Estudos sobre Michel Foucault

O Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault iniciará dia 1º de abril, estendendo-se até o dia 24 de junho. **Foucault, a filosofia e a literatura** será a palestra de abertura, proferida por Roberto Cabral de Melo Machado, doutor em Filosofia e professor da UFRJ. Também estão previstas as participações dos professores Henrique Nardi, da UFRGS, Renato Janine Ribeiro, da USP e Márcia Tiburi, da Unisinos. São, respectivamente, doutores em Sociologia e em Filosofia – os dois últimos.

### Ciclo de Estudos sobre o Brasil

Também, no primeiro dia de abril, iniciará uma nova etapa do *Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, que se estenderá até o mês de novembro. Na primeira palestra, Eliane Deckman Fleck, professora da Unisinos e doutora em História, falará sobre a obra **O abolicionismo**, de Joaquim Nabuco. Estão previstas as participações, entre outras, dos professores Mario Maestri, da UPF; José Murilo de Carvalho, da UFRJ; Alfredo Bosi, da USP; a professora Helga Landgraff Piccolo, da UFRGS. O referido evento propõe-se a estudar, de maneira interdisciplinar, alguns textos clássicos que analisam a formação histórica, social, econômica, política e cultural do Brasil.

### Ciclo de estudos sobre “O método”, de Edgar Morin

**O método**, obra de Edgar Morin, será abordada em outro ciclo de estudos, com início previsto para o dia 14 de abril e término no dia 11 de novembro. Os pressupostos e as linhas fundamentais do pensamento de Edgar Morin serão temas de onze encontros. Os professores doutores Edgard de Assis Carvalho, da PUC/SP; Juremir Machado da Silva, da PUC/RS; Naomar Ribeiro de Almeida Filho, da UFB; Carlos Roberto Velho Cirne Lima, da Unisinos, entre outros, serão os expositores. A palestra inicial será proferida pela professora doutora Maria da Conceição Xavier de Almeida, da UFRN.

### Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI

O Simpósio Internacional *O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI*, que celebra o centenário do nascimento de Karl Rahner, ocorrerá de 24 a 27 de maio. Entre seus objetivos estão os de “refletir teologicamente sobre o desafio representado pelas maiorias pobres e excluídas da modernidade e o papel da Universidade neste contexto” e “aprofundar a reflexão sobre os limites e as possibilidades do lugar da teologia na pós-modernidade e no confronto com as ciências”. Destinado às instituições de ensino superior e às comunidades acadêmicas em geral, o simpósio será composto de conferências, oficinas e minicursos. A conferência inaugural será realizada pelo professor doutor Rubens Ricupero, Secretário Geral da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD). Ele abordará o tema **“A grande transformação socioeconômica da sociedade capitalista pós-moderna: desafios e**

*perspectivas, tendo em vista o lugar da universidade e da teologia no século XXI*". As demais conferências serão realizadas pelos professores doutores João Batista Libânio, do Instituto Santo Inácio/MG; John Milbank, da Universidade de Virgínia (EUA); Michael Amaladoss (Índia); David Tracy, da Universidade de Chicago (EUA); e Andrés Torres Queiruga, da Universidade de Santiago de Compostella (Espanha).

#### **Inclusive – Movimento contra a exclusão social**

Aperfeiçoar o diálogo da comunidade acadêmica e os setores excluídos socialmente é o propósito básico do evento *Inclusive – Movimento contra a exclusão social*. Iniciando dia 29 de março, seus painéis abrangerão outras datas do semestre e reunirão representantes de trabalhadores rurais, assentados, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), de entidades que atuam junto a fármaco-dependentes, migrantes e moradores de rua.

#### **Paixão segundo São Mateus de Johann Sebastian Bach**

O evento *Audição Comentada*, voltado à obra de Johann Sebastian Bach, especificamente a "Paixão segundo São Mateus" será inaugurado na Páscoa, no primeiro dia de abril, quando a professora doutora Yara Borges Caznok, da Unesp, apresentará uma "Introdução à Obra de Bach". A mesma professora também comentará a "Paixão segundo São Mateus" no dia dois de abril, em horários e locais diferentes da Unisinos.

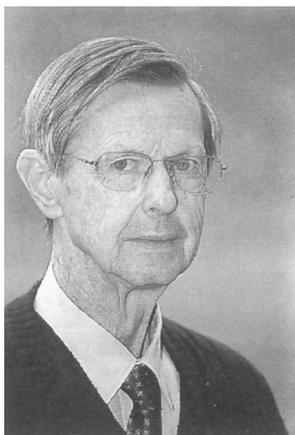
#### **Humanitas Arte**

Igualmente em abril, entre os dias cinco e 30, ocorrerá o *Humanitas Arte*, sobre a obra de Leandro Selister. Editor do site @artebrasil ([www.artewebbrasil.com.br](http://www.artewebbrasil.com.br)), Selister vive e trabalha em Porto Alegre. É fotógrafo, designer e artista plástico.

#### **IHU Idéias**

Entre os eventos contínuos do Instituto Humanitas Unisinos, no mês de março destaca-se o *IHU Idéias*, evento semanal. Estão previstas as participações da professora MS Débora Kruschke Leitão, da UFRGS; professora doutora Sinara Santos Robin; professora MS Marlise Regina Meyrer; professor doutor Antônio Fausto Neto. Os três últimos são da Unisinos. Abordarão, respectivamente, os temas "**Corpos ilustrados: tatuagem e autonomia sobre a anatomia**"; "**Entrevisões do Mercado Público de Porto Alegre: memória, narrativa e dádiva**"; "**Evangelische Stif: uma escola para moças das melhores famílias**" e "**Processos midiáticos e construção de 'novas religiosidades'**".

A programação completa das atividades pode ser obtidas junto ao Instituto Humanitas Unisinos, ou na sua página [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Algumas atividades serão pagas e poderão ser aproveitadas como horas complementares à formação acadêmica.



## **IHU Repórter**

**Conheça o perfil de mais um colega da comunidade universitária**

### **Lodomilo Augusto Mallmann**

*Natural de Estrela, primeiro de doze irmãos, o padre jesuíta Lodomilo Augusto Mallmann é diretor da Biblioteca da Unisinos desde 1995. Suas lembranças de infância, sua trajetória intelectual e espiritual na Companhia de Jesus e os 40 anos dedicados a esta Universidade*

*são alguns dos temas que o Jesuíta partilha nesta entrevista. Sua simplicidade e cordial acolhida traçam um perfil amigável e aberto.*

**Infância-** Meu pai foi militar, depois trabalhou no transporte fluvial, dos rios Taquari e Jacuí e posteriormente dedicou-se ao trabalho rural. A minha mãe era dona de casa, e ocupou-se a educar muito bem seus filhos. Tive uma infância feliz. Guardo agradáveis lembranças familiares desde os dois anos de idade. Aos 11 anos, tive que vir estudar em São Leopoldo, porque Estrela só oferecia um colégio de freiras que preparavam moças para o magistério. Não existiam colégios mistos. Morei, então, na casa de uma tia e comecei a pensar sobre o meu futuro. Duas possibilidades me atraíam: ser militar (meu pai tinha participado da revolução de Borges de Medeiros e Assis Brasil) e ser padre. Escolhi a segunda. Aí se me apresentaram algumas dúvidas: podia ser franciscano, secular ou jesuíta. Vi nos jesuítas uma forte vocação para o ensino e eu, desde muito cedo, lia muito, gostava de estudar, portanto me identifiquei mais com a proposta da Companhia de Jesus.

**Formação-** Entrei na Companhia e fiquei quatro anos em Pareci Novo, estudando Letras Clássicas e fazendo o noviciado. Depois vim para São Leopoldo onde estudei filosofia durante três anos. De 1953 a 1955 estive no Colégio Catarinense em Florianópolis, onde estudei e lecionei inglês. Voltei a São Leopoldo para cursar Teologia e fui ordenado padre em 1958, no Cristo Rei, que foi o berço da Unisinos. Foi uma data que marcou minha vida. Em 1960, passei um ano no Rio de Janeiro fazendo o último ano de formação da Companhia de Jesus. Em seguida fui a Roma para fazer o doutorado em Teologia Moral. Feito o doutorado, retornei ao Brasil para trabalhar na Faculdade de Direito da PUC de Curitiba, que na época, era mantida pelos jesuítas. Em 1964, fui destinado à Unisinos, onde trabalho até hoje. Iniciei como professor de Ética no curso de Filosofia. Coordenei as disciplinas que hoje fazem parte do Humanismo Social Cristão, fui diretor do Centro de Ciências Humanas durante 12 anos e, desde 1995, sou diretor da Biblioteca.

**Biblioteca-** Em 1997, começamos a construir a nova biblioteca. Uma das minhas grandes tarefas foi trazer para cá a Biblioteca do Cristo Rei, da antiga Filosofia e Teologia.

**Autor-** Karl Rahner, cujo centenário de nascimento se comemora este ano, e o próprio Instituto Humanitas está organizando um Simpósio de Teologia em sua memória.

**Livro-** Na minha preferência pelos livros está a obra de Rahner e a literatura clássica portuguesa, espanhola, francesa e alemã.

**Filme-** Admiro os filmes de Frederico Fellini como *As noites de Cabiria*, *La Strada* e *La Dolce Vita*.

**Nas horas livres-** Leio e me dedico às coisas do espírito.

**Um presente-** Receber estímulos para aquilo que faço.

**Momentos felizes-** Considero minha vida como um ir crescendo em realizações espirituais, intelectuais, afetivas que, em seu conjunto, fazem a felicidade.

**Um grande sonho-** Continuar o caminho começado até o fim da minha vida.

**Unisinos-** Uma instituição da Companhia de Jesus que tem por objetivo preparar os alunos para a vida sob o aspecto profissional, intelectual e espiritual. Esse é o ideal a ser perseguido.

**IHU-** Está no caminho certo.

**EXPEDIENTE:**

*IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Coordenadora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montaña (soniam@icaro.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuinfo@poa.unisinos.br](mailto:ihuinfo@poa.unisinos.br). Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: [humanitas@poa.unisinos.br](mailto:humanitas@poa.unisinos.br). Ramais: 1173 e 1195.*



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS